

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MAURÍCIO JACCOUD DA COSTA

A PARTICIPAÇÃO DO UNIVERSITÁRIO EVANGÉLICO BRASILEIRO
NA *MISSIO DEI*: A PROPAGAÇÃO DO EVANGELHO PARA A
TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE

SÃO LEOPOLDO
2013

MAURÍCIO JACCOUD DA COSTA

A PARTICIPAÇÃO DO UNIVERSITÁRIO EVANGÉLICO BRASILEIRO
NA *MISSIO DEI*: A PROPAGAÇÃO DO EVANGELHO PARA A
TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Ética e Gestão

Orientador: Prof. Dr. Roberto Ervino Zwetsch

Segundo Avaliador: Júlio César Adam

São Leopoldo
2013

MAURÍCIO JACCOUD DA COSTA

A PARTICIPAÇÃO DO UNIVERSITÁRIO EVANGÉLICO BRASILEIRO
NA *MISSIO DEI*: A PROPAGAÇÃO DO EVANGELHO PARA A
TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Ética e Gestão

Data:

Roberto Ervino Zwetsch – Doutor em Teologia – Escola Superior de Teologia

Júlio César Adam – Doutor em teologia – Escola Superior de Teologia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C837p Costa, Maurício Jaccoud da
A participação do universitário evangélico brasileiro na Missio Dei: a propagação do evangelho para a transformação da sociedade / Maurício Jaccoud da Costa ; orientador Roberto Ervino Zwetsch. – São Leopoldo : EST/PPG, 2013.
86 p.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2013.

1. Jovens – Vida religiosa. 2. Igrejas protestantes. 3. Missão da igreja. 4. Estudantes universitários – Vida religiosa. I. Zwetsch, Roberto Ervino. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela salvação em Cristo Jesus e por me tratar sempre com tanta graça e amor. Agradeço pela sabedoria, saúde e condição financeira que Ele me concedeu durante este tempo de estudos.

À minha esposa, Caroline, Carol, minha linda, que me apoiou e participou junto comigo de todo este processo. Obrigado pelo tanto que você abriu mão para eu chegar até aqui.

Aos meus pais que sempre me deram condições de estudar e aos meus irmãos que tanto me ensinaram e me ajudaram a desenvolver um senso crítico.

À Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo, em especial a Gilberlei Oliveira, meu amigo e diretor, que me incentivou e me liberou para me dedicar a este trabalho.

Aos meus amigos e mantenedores por acreditarem em minha participação na *missio Dei*.

Ao meu orientador e agora amigo, Dr. Roberto Zwetsch. Suas correções, atenção e palavras de incentivo foram fundamentais.

Louvo a Deus pela vida de todos vocês. Com carinho e amor: muito obrigado!

RESUMO

O jovem universitário brasileiro possui um importante papel na transformação da sociedade. O universitário evangélico brasileiro ao possuir uma fé como aquilo que o toca incondicionalmente e ao participar ativamente da *missio Dei* contribui de maneira ainda mais significativa nesta transformação. Este estudo busca compreender a participação do universitário evangélico brasileiro na *Missio Dei* e na propagação do Evangelho para a transformação da sociedade. Na primeira parte busca-se definir o conceito de *missio Dei* mostrando que esta missão é um chamado para todas as pessoas e procura-se enfatizar a necessidade da pregação do evangelho através de palavras e obras, entendendo que esta pregação levará à transformações na sociedade. Na segunda parte apresenta-se um perfil do jovem universitário evangélico brasileiro, mostrando as principais características da Geração Y e a maneira como os jovens vivem a religiosidade. Na terceira parte é analisado a participação do jovem universitário evangélico brasileiro na missão de Deus, e como ele se insere na propagação do evangelho para a transformação da sociedade.

Palavras-Chaves: *Missio Dei*. Juventude. Universitário evangélico. Geração Y. Transformação social

ABSTRACT

The young Brazilian academic has an important role in the transformation of society. The Brazilian evangelical academic, as they have a faith which touch him/her unconditionally and as they actively participate in the *missio Dei* contribute in an even more significant way in this transformation. This study seeks to understand the participation of Brazilian evangelical academic in the *missio Dei* and in the promulgation of the Gospel to transformation of society. In the first part seeks to difine the concept of *missio Dei* showing that this mission is a call to all people and seeks to emphasize the necessity of preaching the gospel through word and deed, believing that this preaching will lead to changes in society. The second part presents a profile of the young Brazilian evangelical academic, showing the main characteristics of Generation Y and the way young people live their religiosity. The third part analyzes the young Brazilian evangelical academic in God's mission, and how it fits in the promulgation of the gospel to transform society.

Key Words: *Missio Dei*. Youth. Evangelical Academic. Generation Y. Social transformation

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1.MISSÃO DE DEUS UM CHAMADO PARA TODOS.....	12
1.1 <i>Missio Dei</i> – um conceito abrangente de missão.....	12
1.2.Missão integral – uma visão latino americana da <i>missio Dei</i>	13
1.3 O Pacto de Lausanne.....	16
1.4 A Prioridade da Evangelização.....	18
1.4.1 Proselitismo.....	21
1.4.2 Conversão.....	22
1.4.3 A Grande Comissão.....	24
1.5 A compreensão paulina do Evangelho.....	27
2.O JOVEM UNIVERSITÁRIO EVANGÉLICO BRASILEIRO: O SURGIMENTO DA GERAÇÃO Y E SUA RELIGIOSIDADE.....	33
2.1 O conceito de juventude na cultura ocidental.....	33
2.2 Jovens no Brasil.....	35
2.3 Juventude universitária brasileira: uma visão abrangente.....	37
2.4 A juventude de acordo com as gerações.....	39
2.4.1 Geração Tradicional ou <i>Belle Époque</i>	40
2.4.2 Geração Baby boomers.....	40
2.4.3 Geração X.....	41
2.4.4 Geração Y: a atual geração dos universitários.....	42

2.5 A religiosidade do jovem universitário brasileiro.....	46
2.6 O jovem de acordo com o próprio jovem.....	47
3 A PARTICIPAÇÃO DO UNIVERSITÁRIO NA MISSÃO DE DEUS.....	54
3.1 O universitário como agente de transformação da sociedade.....	54
3.2 O universitário cristão evangélico e a participação na missão de Deus.....	57
3.2.1 A importância dos movimentos estudantis no contexto da evangelização nas universidades.....	58
3.2.2 A participação na <i>missio Dei</i> como prioridade.....	62
3.3 As características dos jovens e sua relação com a participação na <i>missio Dei</i>	62
3.3.1 Jovens tecnológicos.....	63
3.3.2 Jovens colaborativos.....	65
3.3.3 Jovens imediatistas: a fruição do presente.....	65
3.4 Juventude e a importância da família na missão de Deus.....	66
3.5 Juventude e a importância da amizade na missão de Deus.....	69
CONCLUSÃO.....	79
REFERÊNCIAS.....	82

INTRODUÇÃO

Todo cristão precisa estar envolvido na *missio Dei*, pois a fé cristã e a igreja cristã são essencialmente missionárias, frutos de um Deus que é missionário em sua própria natureza. A *missio Dei* é o movimento de Deus em direção ao mundo, com isso cabe ao cristão estar inserido no mundo buscando sua transformação. A pregação do evangelho é parte essencial da *missio Dei* e esta proclamação precisa ser feita por palavras e obras. O jovem universitário evangélico brasileiro possui um potencial enorme para pregar o Evangelho dentro das universidades podendo causar grandes transformações em nossa sociedade ao lidar com os futuros líderes de nosso país que estão hoje dentro das universidades.

Vivemos entre 2000 e 2011 o fenômeno chamado “Onda Jovem”, quando foi atingido um pico no número de jovens em proporção às demais faixas etárias, chegando a um quarto da população brasileira. Neste mesmo período o número de universitários mais que dobrou no Brasil e a tendência é continuar havendo um grande crescimento da população universitária nos próximos anos. Simultaneamente o número de evangélicos cresceu na sociedade brasileira e, mesmo não havendo pesquisas que demonstrem a quantidade exata de universitários evangélicos no Brasil, percebe-se que há hoje uma grande quantidade destes nas universidades brasileiras chegando até mesmo, como o registrado na PUC-SP, a uma proporção maior do que o encontrado na população brasileira¹. Os evangélicos têm uma penetração maior entre os jovens da população.

Esta é uma juventude que possui características próprias. Ela é conhecida como Geração Y, possui jovens altamente tecnológicos, que realizam muitas tarefas ao mesmo tempo, são colaborativos e buscam um emprego que lhes dê significado. Buscam viver intensamente o presente, são muito apegados à família e têm os amigos como importantes referências.

¹ RIBEIRO, Jorge Claudio. *Religiosidade jovem – pesquisa entre universitários*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 126.

Devido a esse grande número de universitários evangélicos e entendendo as características próprias desta geração, esta pesquisa pretende investigar a participação do universitário evangélico na missão de Deus, procurando também olhar para o futuro, entendendo como deve se dar essa participação e quais são as perspectivas da juventude universitária evangélica. A pergunta central nesta pesquisa é: como o universitário evangélico brasileiro pode ajudar no cumprimento da missão de Deus?

Para isso, o texto busca apresentar no primeiro capítulo a definição do conceito de *missio Dei* mostrando que esta missão é um chamado para todas as pessoas de fé. Procura-se enfatizar a necessidade da pregação do evangelho através de palavras e obras, entendendo que esta pregação levará à transformações na sociedade. O referencial teórico baseia-se em David J. Bosch, em seu livro *Missão Transformadora*, que é um dos estudos mais importantes na atualidade para compreendermos o conceito de missão. Autores voltados para a missão integral como John Stott e René Padilla são importantes referenciais, e ainda há contribuições de Roberto Zwetsch, Georg Vicedom, Valdir Steuernagel, Timóteo Carriker, Samuel Escobar e Luíz Longuini Neto, teólogos que podem ampliar o nosso conceito de missão, rompendo com visões estreitas encontradas com muita frequência nas igrejas evangélicas do Brasil.

No segundo capítulo busca-se apresentar um perfil do jovem universitário evangélico brasileiro, mostrando as principais características da Geração Y e a maneira como os jovens vivem a religiosidade. Os referenciais teóricos são os importantes estudos sobre juventude liderados por Helena Wendel Abramo, Pedro Paulo Branco e Miriam Abramovay. Para entender a Geração Y e as anteriores, valemo-nos nesta pesquisa do estudo de Sidnei Oliveira. Para compreender a religiosidade dos universitários foi utilizada a importante pesquisa de Jorge Claudio Ribeiro entre universitários paulistanos. Outra importante pesquisa que forneceu dados para esta reflexão foram os dossiês chamados de “Universo Jovem”, produzidos pela MTV Brasil (Music Television), onde se pesquisou a juventude brasileira a partir de diversos temas.

No último capítulo busca-se finalmente responder à pergunta central desta pesquisa analisando a participação do jovem universitário evangélico brasileiro na missão de Deus, e como ele se insere na propagação do evangelho para a transformação da sociedade. Neste capítulo observamos como deve se dar esta participação apresentando algumas propostas e como as características próprias desta juventude favorecem ou dificultam sua participação na missão de Deus. J. B. Libânio em seu livro “Para onde vai a juventude” é o principal referencial teórico neste capítulo. Seguem a conclusão em que retomamos os principais achados da pesquisa e as Referências.

Capítulo 1 – MISSÃO DE DEUS: UM CHAMADO PARA TODOS

1.1 *Missio Dei* – um conceito abrangente de missão

David J. Bosch, em seu livro *Missão Transformadora: Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão*², parte do conceito *missio Dei* para desenvolver o paradigma emergente e ecumênico de missão. O estudo de Bosch é o mais importante para compreendermos o conceito de *missio Dei*. Zwetsch, em sua pesquisa a partir da perspectiva latino-americana de missão, afirma que o conceito *missio Dei* “tem se mostrado útil e compreensível para o testemunho do evangelho no mundo contemporâneo”³.

O conceito *missio Dei* significa que a missão é de Deus. A missão faz parte da própria natureza de Deus. *Missio Dei* significa que Deus Pai envia o Filho, o Pai e o Filho enviam o Espírito Santo, e Pai, Filho e Espírito Santo enviam a igreja para dentro do mundo. Este conceito foi primeiramente desenvolvido pelos teólogos Karl Barth e Karl Hartenstein demonstrando que a fé cristã e igreja cristã são essencialmente missionárias, pois são frutos de um Deus que é missionário em sua natureza. A *missio Dei* é o movimento de Deus em direção ao mundo. A participação do universitário evangélico – tema desta pesquisa - será avaliada à luz do que este conceito significa. De acordo com David J. Bosch, “participar da missão é participar do movimento de amor de Deus para com as pessoas, visto que Deus é uma fonte de amor que envia”⁴.

Para Bosch, a *missio Dei* é a atividade de Deus que envolve tanto a igreja quanto o mundo. É Deus se revelando como Aquele que ama o mundo, que está disposto a se envolver no e com o mundo, e a igreja tem o privilégio de participar nesta atividade de Deus. Vicedom entende que o conceito de

² BOSCH, David J. *Missão transformadora*. Mudanças de paradigma na teologia da missão. Trad. Geraldo Korndörfer e Luís Marcos Sander. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2002.

³ ZWETSCH, Roberto E. *Missão como com-paixão*: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana. São Leopoldo: Sinodal, 2008, p. 75.

⁴ BOSCH, 2002, p. 468.

missio Dei significa que Deus não é apenas o enviado, mas também o enviado⁵. Em João 17.18, Jesus diz: “Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo”. Com isso, a missão de Deus é o modelo para a missão da igreja. O Filho veio buscar e salvar o que se havia perdido (Lucas 19.10). Nós não temos o poder para copiá-lo nisso. Porém ele veio para servir (Marcos 10.45) e este serviço de amor é o que inspira a missão da igreja. Como afirma John Stott:

Nossa missão, como a dele, deve ser de serviço. Ele se esvaziou do status e assumiu a forma de servo; e seu espírito humilde deve estar em nós (Fp. 2.5-8). Ele nos fornece o modelo perfeito de serviço e envia sua igreja ao mundo para ser uma igreja serva⁶.

1.2 Missão integral – uma visão latino-americana da *missio Dei*

Para Padilla “a missão de Deus, da qual se deriva a nossa quando ela é autêntica, é sempre uma missão integral”⁷. Da mesma maneira, afirma Carriker dizendo que a missão sempre é integral. Para ele o conceito de missão sempre está ligado ao qualitativo “integral”, porque não existe missão se não for integral. Foi na Fraternidade Teológica Latino-Americana que esta expressão “missão integral” surgiu e se desenvolveu nos inícios dos anos de 1970. Missão desde o século XVIII era vista essencialmente como cruzamento de fronteiras geográficas. Missão era entendida como missão transcultural que tinha como propósito levar o Evangelho do mundo ocidental e cristão, entenda-se este como sendo a Europa, Inglaterra e América do Norte, para os “campos missionários” do mundo não cristão, compreendido como sendo a Ásia, a África e as Ilhas da Melanésia e Polinésia, a Austrália e outros lugares. É interessante notar que a América Latina, num primeiro momento, fica fora desse “mapa

⁵ VICEDOM, Georg. *A missão como obra de Deus: introdução à teologia da missão* (1958). São Leopoldo: Sinodal, IEPG, 1996, p. 10.

⁶ STOTT, John. *A missão cristã no mundo moderno*. Trad. Meire Portes Santos. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 28.

⁷ PADILLA, C. René. *O que é missão integral?* Trad. Wagner Guimarães. Viçosa: Ultimato, 2009. p. 127.

missionário”. Missão era um movimento que tinha como objetivo a “salvação de almas” e “plantação de igrejas” através da proclamação do Evangelho, principalmente no exterior dos países do hemisfério norte. Essa proclamação geralmente era feita através do anúncio verbal do Evangelho valendo-se, geralmente, das estruturas do sistema colonial que entendia a missão cristã como parte de suas estratégias de dominação e controle de novos territórios. Podem-se imaginar os muitos problemas linguísticos e culturais que tal proclamação acarretou, tanto para missionários/as quanto para as populações nativas. De qualquer forma, esta compreensão de missão e sua ação missionária fizeram surgir inúmeras igrejas cristãs em muitas partes do mundo, igrejas que nasceram desse movimento histórico, sobretudo, no século XIX. Este tipo de missão prevaleceu nas igrejas evangélicas protestantes por muito tempo e ainda influencia muitas igrejas e agências missionárias ao redor do mundo.

A proposta da missão integral surge na contramão dessa compreensão de missão. Em traços gerais, ela significa levar todo o Evangelho, para o homem todo, e a todos os homens⁸. A missão da igreja não pode ser reduzida a uma evangelização apenas como comunicação oral do Evangelho. Não é possível comunicar o Evangelho sem a proclamação oral, mas a proclamação precisa ser acompanhada por boas obras, que significam a dimensão histórica concreta da libertação proporcionada pelo Evangelho.

A missão de Jesus era sempre uma missão integral. Na missão de Jesus um aspecto muito importante é a integração entre palavra e ação. Padilla mostra que em alguns setores do movimento evangélico se enfatizou tanto a comunicação oral do evangelho que outros aspectos da missão cristã foram visto como “possíveis” ou até mesmo “desejáveis”, mas não essenciais. Na prática, essa visão demonstrou que “nunca, ou quase nunca, havia tempo para o possível, o bom e o desejável – mas não essencial, já que sempre faltava tempo para o que realmente importava: a comunicação oral do evangelho”.⁹

⁸ CLADE III – Terceiro Congresso Latino-Americano de Evangelização, realizado em Quito – Equador, dos dias 24 de agosto a 4 de setembro de 1992, e teve como título “Todo o Evangelho para todos os povos a partir da América Latina.

⁹ PADILLA, 2009, p. 52.

Ainda de acordo com Padilla, “o *kerygma* é inseparável tanto da *diakonia* como da *koinonia*”¹⁰.

Nessa visão de missão compreendida essencialmente como cruzamento de fronteiras geográficas, os missionários eram primeiramente os agentes de missão, quase sempre ligados a sociedades missionárias. Esses missionários se entendiam individualmente/subjetivamente como pessoas “chamadas por Deus para o campo missionário”. O envolvimento na missão não era esperado de todos os cristãos, mas somente desses “chamados por Deus”. A igreja local era a provedora de pessoas para a missão e as apoiava financeiramente. Isso criava uma dicotomia entre os crentes comuns e os missionários, o que trouxe sérias conseqüências tanto para as igrejas nascentes quanto para as igrejas de envio ou “igrejas-mãe”.

Na perspectiva da missão integral, no entanto, todas as pessoas da comunidade cristã, em razão de seu batismo e de sua fé, são chamadas a participar da missão de Deus e esta missão pode ou não envolver o cruzamento de fronteiras geográficas¹¹. Ser cristão é ser missionário, é participar da missão de Deus no mundo, pois o próprio Deus a quem servimos é um Deus missionário que veio a este mundo e continua vindo trazendo salvação e libertação da humanidade. Como afirmou L. Boff ao comentar o importante documento *Ad Gentes* do Concílio Vaticano II, o “primeiro missionário e evangelizador é o próprio trino Deus”¹². Samuel Escobar, por sua vez, ao comentar a respeito de uma missiologia da periferia cita René Padilla afirmando que “Jesus Cristo é, por excelência, o missionário de Deus, e ele envolve seus seguidores em sua missão”¹³. Neste sentido todo o cristão foi chamado para seguir a Jesus Cristo e anunciar seu evangelho, e isso envolve um compromisso integral com a missão de Deus no mundo.

¹⁰ PADILLA, 2009, p. 53.

¹¹ PADILLA, 2009, p. 14-19.

¹² Apud BRANDT, Hermann. *O encanto da missão: ensaios de missiologia contemporânea*. São Leopoldo: Sinodal, Escola Superior de Teologia, CEBI, 2006, p. 35.

¹³ Apud WINTER, Ralph D. (Ed.), HAWTHORNE, Steven C. (Ed.), BRADFORD, Kevin D. (Ed.). *Perspectivas no movimento cristão mundial: coletânea de textos de autores nacionais e estrangeiros explorando as perspectivas bíblica, histórica, cultural e estratégia no movimento de evangelização mundial*. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 187.

A missão não é responsabilidade e privilégio de um pequeno grupo de fiéis que se sentem chamados ao campo missionário (geralmente no exterior), mas sim de todos os membros, já que todos são membros do sacerdócio real e, como tais, foram chamados por Deus “a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para sua maravilhosa luz” (I Pe 2.9) onde quer que se encontrem¹⁴.

Apesar da crítica que Padilla faz ao apontar para as deficiências do modelo de missão que tanto influenciou o movimento missionário moderno, ele lembra que este conceito influenciou e segue inspirando milhares de missionários a cruzar fronteiras para divulgar as boas novas de Jesus, e com isso a Igreja hoje tem um alcance mundial¹⁵. Se a igreja de Cristo entender que todos os cristãos são chamados a se envolverem integralmente com a missão de Deus e não somente os missionários que são “chamados” por Deus, o impacto deste novo paradigma será ainda mais poderoso em todo o mundo.

1.3 O Pacto de Lausanne

O Pacto de Lausanne¹⁶ é o resultado do encontro de cerca de 4000 pessoas de 150 países para o Congresso Mundial de Evangelização realizado em Lausanne, Suíça, em 1974. Antes deste congresso houve o Congresso Mundial de Evangelização em Berlim (Alemanha, 1966) que foi o pano de fundo para as propostas apresentadas no Pacto de Lausanne. O Congresso Mundial de Evangelização em Lausanne foi convocado, patrocinado e dirigido pela revista *Christianity Today* e pela Associação Evangélica Billy Graham, tendo como líder o Reverendo Billy Graham. Metade dos participantes, oradores e integrantes da comissão de planejamento vinham do Terceiro Mundo, por isso a relação tensa entre evangelização e responsabilidade social. Samuel Escobar e René Padilla foram significativos para a atenção dada à

¹⁴ PADILLA, 2009, p. 18.

¹⁵ PADILLA, 2009, p. 15.

¹⁶ Disponível em: <http://www.lausanne.org/pt/pt/1662-covenant.html>. Acesso em: 8 fev. 2012.

responsabilidade social no Pacto de Lausanne, além de John Stott que presidiu o Comitê de Lausanne. Posteriormente houve o Congresso Mundial de Evangelização em Manilla (Filipinas, 1989), conhecido como Lausanne II, e em 2010 aconteceu o Congresso Mundial de Evangelização na Cidade do Cabo, África do Sul, que foi denominado Lausanne III. Não há dúvidas de que o evento mais significativo se deu no primeiro Congresso Mundial de Evangelização em Lausanne. Desde então se fala no movimento de Lausanne ou no espírito de Lausanne nos meios evangélicos¹⁷.

O relator do Pacto de Lausanne foi o reverendo John Stott, anglicano, respeitado líder no mundo evangélico vinculado ao Movimento de Lausanne. O Pacto foi fortemente influenciado pelos líderes das igrejas evangélicas do então chamado Terceiro Mundo, conceito normalmente entendido em relação aos países pobres ou menos desenvolvidos do hemisfério sul, como C. René Padilla e Samuel Escobar, dentre outros. Houve uma clara tensão entre evangelização e responsabilidade social nos debates realizados desde o Congresso de Lausanne I, mas justamente por causa da posição dos líderes latino-americanos presentes no evento a relação intrínseca entre evangelização e ação social faz parte da missão de Deus e não podem estar separados, conforme ficou muito claro no famoso parágrafo 5 do Pacto, com o título “A Responsabilidade Social Cristã”:

Afirmamos que Deus é o Criador e o Juiz de todos os homens. Portanto, devemos partilhar o seu interesse pela justiça e pela conciliação em toda a sociedade humana, e pela libertação dos homens de todo tipo de opressão. Porque a humanidade foi feita à imagem de Deus, toda pessoa, sem distinção de raça, religião, cor, cultura, classe social, sexo ou idade possui uma dignidade intrínseca em razão da qual deve ser respeitada e servida, e não explorada. Aqui também nos arrependemos de nossa negligência e de termos algumas vezes considerado a evangelização e a atividade social mutuamente exclusivas. Embora a reconciliação com o homem não seja reconciliação com Deus, nem a ação social evangelização, nem a libertação política salvação, afirmamos que a evangelização e o envolvimento sócio-político são ambos parte do nosso dever cristão. Pois ambos são necessárias expressões de nossas doutrinas acerca de Deus e do homem, de nosso amor por nosso próximo e de nossa

¹⁷ LONGUINI NETO, Luiz. *O novo rosto da missão*. Os movimentos ecumênico e evangelical no protestantismo latino-americano. Viçosa: Ultimato, 2002, p. 75.

obediência a Jesus Cristo. A mensagem da salvação implica também uma mensagem de juízo sobre toda forma de alienação, de opressão e de discriminação, e não devemos ter medo de denunciar o mal e a injustiça onde quer que existam. Quando as pessoas recebem Cristo, nascem de novo em seu reino e devem procurar não só evidenciar mas também divulgar a retidão do reino em meio a um mundo injusto. A salvação que alegamos possuir deve estar nos transformando na totalidade de nossas responsabilidades pessoais e sociais. A fé sem obras é morta¹⁸.

Os temas abordados no Pacto de Lausanne são os seguintes: 1. O Propósito de Deus, 2. A Autoridade e o Poder da Bíblia, 3. A Unicidade e a Universalidade de Cristo, 4. A Natureza da Evangelização, 5. A Responsabilidade Social Cristã, 6. A Igreja e a Evangelização, 7. Cooperação na Evangelização, 8. Esforço Conjugado de Igrejas na Evangelização, 9. Urgência da Tarefa Evangelística, 10. Evangelização e Cultura, 11. Educação e Liderança, 12. Conflito Espiritual, 13. Liberdade e Perseguição, 14. O Poder do Espírito Santo, 15. O Retorno de Cristo.

Em Lausanne ficou claro que evangelização e ação social são aspectos essenciais da missão da igreja. “A proclamação do evangelho é inseparável da manifestação concreta do amor de Deus”¹⁹. Lausanne marcou profundamente a história do movimento evangélico recuperando o conceito integral da missão cristã.

1.4 A Prioridade da Evangelização

A evangelização é uma das dimensões essenciais da missão. No parágrafo 6 do Pacto de Lausanne fica claro que é necessário penetrarmos na sociedade cristã. Essa penetração é profunda e sacrificial. “Na missão de serviço sacrificial da igreja a evangelização é primordial”. Compreende-se por evangelização a proclamação de Jesus Cristo como Senhor e Salvador e como

¹⁸ Disponível em: <http://www.lausanne.org/pt/pt/1662-covenant.html>. Acesso em: 28 Maio de 2012.

¹⁹ PADILLA, 2009, p. 37.

único mediador entre Deus e os homens. (I Tm. 3.5). Bosch define evangelização como sendo:

A proclamação da salvação em Cristo às pessoas que não crêem nele, chamando-as ao arrependimento e à conversão, anunciando o perdão do pecado e convidando-as a tornarem-se membros vivos da comunidade terrena de Cristo e a começar uma vida de serviço aos outros no poder do Espírito Santo²⁰.

O Pacto de Lausanne no parágrafo 3 afirma que evangelização é a proclamação do amor de Deus a um mundo de pecadores e um convite a todos os seres humanos a se entregarem a ele como Salvador e Senhor no sincero compromisso pessoal de arrependimento e fé. De acordo com Steuernagel, “evangelizar é proclamar a Jesus como Senhor e salvador, inseparavelmente. Nesse sentido, evangelizar é proclamar o reino integral de Deus”²¹. Para ele ética, escatologia e evangelho são inseparáveis, por isso a evangelização é um chamamento das pessoas a se entregarem a Cristo recebendo o perdão de seus pecados se juntando a Cristo em seu projeto de ser bênção às nações. Nosso Senhor e Salvador Jesus andou por todas as partes fazendo o bem (Atos 10.38), portanto “ser cristão significa agora andar como Ele andou. Ser cristão, redimido pela graça do Senhor, significa nunca se cansar de fazer o bem (Gálatas 6.9)”²².

Stott afirma que “evangelização é o anúncio das boas novas, independente dos resultados”²³, pois o sucesso não pode definir a evangelização. Segundo Bosch, a evangelização envolve um chamado ao arrependimento, por isso ela objetiva uma resposta. Porém, a evangelização não pode ser definida através de resultados ou eficácia. Evangelização vem da palavra “evangelho” que significa “boas novas”, com isso percebe-se que a evangelização é comunicação de alegria e sempre representa um convite. “As

²⁰ BOSCH, 2002, p. 28.

²¹ STEUERNAGEL, Valdir. *A missão da igreja: Uma visão panorâmica sobre os desafios e propostas de missão para a igreja na antevéspera do terceiro milênio*. Belo Horizonte: Missão, 1994, p. 37.

²² STEUERNAGEL, 1994, p. 37.

²³ STOTT, 2010, p. 47.

peças deveriam voltar-se a Deus porque são atraídas por seu amor, não porque sejam empurradas a Deus pelo temor do inferno”²⁴.

A evangelização oferece a salvação como uma dádiva gratuita de Deus, mas isso não deve se constituir o centro de nosso evangelismo, pois corremos o risco de transformar o evangelho da graça de Deus em um artigo de consumo. A igreja evangélica brasileira presencia hoje uma enorme quantidade de jovens distanciando-se das comunidades cristãs, pois muitos os que aceitaram o evangelho somente o fizeram porque lhes foi prometido somente bênçãos. Um evangelho fácil de ser aceito é também fácil de ser abandonado. Stott lembra que a “nossa ansiedade de converter pessoas às vezes nos induz a calar o chamado ao arrependimento”²⁵. É preciso comunicar o evangelho em termos realistas e mostrar concretamente quais são as implicações contemporâneas do arrependimento.

Bosch lembra ainda que evangelização é um grande desafio para a igreja em seu relacionamento com o mundo, pois “se a igreja deseja divulgar ao mundo uma mensagem de esperança e amor, de fé, justiça e paz, algo disso deve tornar-se visível, audível e tangível na própria igreja”²⁶. É o testemunho que os crentes dão em sua comunidade que prepara o caminho para o evangelho e seu anúncio na sociedade.

O Pacto de Lausanne, portanto, afirma que a evangelização é primordial, que a evangelização não é ação social, porém a evangelização jamais poderá estar divorciada da prática de boas obras. Não há como reduzir a missão da igreja compreendendo a evangelização apenas como comunicação oral do evangelho. Bosch afirma que “a relação entre as dimensões evangelística e social da missão cristã constitui uma das áreas mais difíceis da teologia e da prática da missão”²⁷. Stott procura explicar essa relação entre evangelismo e ação social afirmando que:

²⁴ BOSCH, 2002, p. 494.

²⁵ STOTT, 2010, p. 141.

²⁶ BOSCH, 2002, p. 495.

²⁷ BOSCH, 2002, p. 480.

a ação social é uma parceira do evangelismo. Como parceiros, os dois se complementam, mas são, mesmo assim, independentes entre si. Lado a lado, cada um se sustenta por si e possui sua própria autonomia. Nenhum deles é um meio para o outro, ou mesmo uma manifestação do outro, pois cada um é um fim em si mesmo. Ambos são expressões de amor genuíno²⁸.

Sebastião Armando Gameleira Soares em um excelente artigo sobre diaconia e profecia mostra que evangelizar é mais do que falar sobre o Evangelho. Evangelizar é ser sinal vivo da boa nova. Para ele “a Igreja é enviada somente a evangelizar. Através de tudo o que é, de tudo o que faz e de tudo o que diz...”²⁹.

1.4.1 Proselitismo

Evangelização não é proselitismo. Proselitismo acontece quando há uma mentalidade de que as pessoas somente são salvas ao se tornarem membros de nossa denominação. Isso é totalmente contra o evangelho, pois as pessoas são salvas pela graça de Cristo, e não por pertencerem a uma determinada igreja ou denominação. A evangelização se torna proselitismo quando ela é usada para recuperar influência eclesiástica e sugere competição³⁰. Proselitismo são formas perversas de evangelismo, é a corrupção do testemunho.

Proselitismo [...] é a corrupção do testemunho. O testemunho é corrompido quando bajulação, suborno, pressão indevida ou intimidação são usadas – sutil ou abertamente – para realizar uma conversão aparente; quando colocamos o sucesso de nossa igreja antes da honra de Cristo; [...] quando interesses pessoais ou corporativos egoístas substituem o amor por cada alma específica por quem estamos interessados. Tal corrupção dos testemunhos cristãos indica falta de confiança no poder do Espírito Santo, falta de respeito

²⁸ STOTT, 2010, p. 32.

²⁹ SOARES, Sebastião Armando Gameleira. Diaconia e profecia. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 39, n. 3, p. 207-230, dez. 1999.

³⁰ BOSCH, 2002, p. 496.

pela natureza do homem e falta de reconhecimento do verdadeiro caráter do evangelho³¹.

Ainda de acordo com Stott, é difícil definir de maneira precisa o que é proselitismo, mas fica claro que evangelismo não é mesma coisa que proselitismo. “Evangelismo e proselitismo são atividades não idênticas”³². Proselitismo acontece, por exemplo, quando encaramos a ação social como um meio de evangelismo. Quando nos engajamos em alguma atividade social com o objetivo principal de evangelizar e produzir conversões, acabamos produzindo o que Stott chama de “cristãos cesta básica” ou “cristãos de arroz”. Gandhi critica duramente este tipo de atitude quando escreveu:

Considero que o proselitismo disfarçado de trabalho humanitário é, no mínimo, doentio [...]. Por que eu deveria mudar de religião devido ao fato de um médico que professa o cristianismo como sua religião ter me curado de alguma doença?³³

1.4.2 Conversão

Stott diz que conversão é a resposta necessária ao Evangelho. Conversão do verbo *epistrepho* em grego pode significar “virar” ou “retornar”. Teologicamente significa virar de uma direção para outra ou retornar de um lugar para o outro. Paulo, ao pregar em Listra, conclama seus ouvintes a se voltarem para Deus se afastando da idolatria (Atos 14.15). Na carta à igreja de Tessalônica, Paulo elogia e agradece aos tessalonicenses por saberem que eles deixaram os ídolos e se voltaram para Deus (I Tessalonicenses 1.9). Pedro fala aos eleitos de Deus como pessoas que agora se converteram ao Pastor e Bispo de suas almas (I Pedro 2.25).

³¹ WCC Central Committee Minutes, 1960 apud STOTT, 2010, p. 133.

³² STOTT, 2010, p. 133.

³³ Apud STOTT, 2010, p. 30.

A conversão é o início de nossa identidade com Cristo. Arrependimento e fé dizem respeito ao que a partir do evangelho se chama conversão. Arrependimento e fé constituem a conversão. Quando há esse encontro com Cristo e inicia-se a caminhada com ele começa a participação na missão de Deus. Bosch afirma que participar da missão é o resultado de um encontro com Cristo. “Conhecer a Cristo significa tornar-se parte de uma missão para o mundo”³⁴. Por isso, quando a igreja está em Cristo ela, por força da presença do Espírito de Cristo, é envolvida na missão. Toda a existência da igreja tem caráter missionário. Sendo Deus um Deus missionário, sendo Jesus o missionário por excelência, o povo de Deus é também um povo missionário.

Mas é importante reafirmar que há uma estreita relação entre conversão e responsabilidade social. A conversão deve sempre levar à ação social. Uma pessoa convertida a Jesus Cristo vive na igreja e está inserida no mundo. Por isso, é necessário não tirar a pessoa do mundo, mas levá-lo de volta ao mundo com valores diferentes por causa de suas novas convicções e padrões. O afastamento do mundo se dá pela má relação da conversão com a cultura. A cultura tem partes boas e belas, porque foi Deus que criou o ser humano com toda a sua diversidade. A cultura apresenta partes ruins, porque o ser humano experimentou a queda, o afastamento do Deus criador. Mas acontece que alguns cristãos se afastam completamente do mundo por considerarem toda cultura como má. Muitas igrejas parecem que esperam que a pessoa convertida se retire completamente do mundo real. Porém, conversão não é renunciar a toda herança cultural herdada³⁵. Esta questão tem sido objeto de muita má compreensão nas igrejas e exige um aprofundamento a partir de novos referenciais tanto bíblicos quanto teológicos.

³⁴ WINTER, 2009, p. 67.

³⁵ STOTT, 2010, p. 131-154.

1.4.3 A Grande Comissão

A evangelização dentro do contexto do movimento evangélico missionário desenvolveu seu anúncio principalmente em obediência ao texto de Mateus 28.18-20 conhecido como a Grande Comissão. Para Bosch não se pode isolar essas palavras de todo o conteúdo do Evangelho de Mateus:

O Evangelho de Mateus reflete um importante e claro subparadigma da interpretação e experiência de missão da igreja primitiva. Entretanto, em círculos missionários boa parte da discussão sobre Mateus, tem sido, infelizmente, ofuscada pela elevada proeminência dada (de modo especial, mas não exclusivo, em círculos protestante) à importância e interpretação da chamada “Grande Comissão” que se encontra no final do evangelho³⁶.

Segundo Padilla, a Grande Comissão em Mateus é a base da missão da igreja para a maioria dos evangélicos, e desde os finais do século 18 vem fomentando o espírito missionário das igrejas e ocupando lugar central nas sociedades missionárias surgidas na Inglaterra e Estados Unidos. O grande missionário inglês William Carey tinha como motivação principal a obediência ao mandamento de Cristo para seu ingresso no trabalho missionário. Porém, “segundo evidência apresentada pelo Novo Testamento, a Grande Comissão não foi considerada como a motivação principal da missão na igreja do primeiro século”³⁷. Somente no segundo século é que o texto de Mateus é citado nos escritos cristãos. Isso pode ser entendido pelo fato dos apóstolos terem caminhado durante três anos com Jesus, desenvolvendo uma relação de amizade com seu Senhor, e não encararam a Grande Comissão como uma ordem a ser obedecida, mas como um pedido de amor de seu mestre e Senhor para alcançar outros povos em todas as nações. Ou como afirma o professor Roberto Zwetsch:

³⁶ BOSCH, 2002, p. 81.

³⁷ PADILLA, 2009, p. 31.

Não é pela obediência que somos engajados na missão de Deus, ao menos não como motivação primeira, mas antes pela fé que nos convence do amor de Deus e nos liberta para viver esta liberdade e proclamar o evangelho da graça e da fidelidade de Deus em Jesus Cristo neste mundo³⁸.

Stott mostra que o pensamento cristão dá um lugar proeminente demais à Grande Comissão, talvez porque essa tenha sido a última instrução de Jesus. Ele deixa claro que toda a igreja precisa obedecer à ordem de levar o Evangelho a todas as nações, mas não podemos considerar essa como a única instrução que Jesus nos deixou, pois o que tem acontecido é que as pessoas tomam o texto da Grande Comissão referindo-se exclusivamente ao evangelismo, descontextualizando o famoso trecho de sua inserção num evangelho que narra o todo da caminhada de Jesus até sua morte na cruz e a ressurreição. A mesma linha de argumentação segue Padilla afirmando que a Grande Comissão não pode ser reduzida a um mandamento evangelístico que apenas enfatiza a pregação do evangelho no mundo todo. Bosch é enfático afirmando que “é injustificável considerar a Grande Comissão como estando preocupada primordialmente com a ‘evangelização’ e o ‘grande mandamento’ (Mateus 22.37-40) como referência ao engajamento social”³⁹. Steuernagel lembra que a Grande Comissão consiste em ensinar a guardar todas as coisas que Deus nos tem ordenado. Ele afirma: “A Grande Comissão é inseparável do grande mandamento”⁴⁰. Por isso, Stott estabelece a relação da Grande Comissão com o Grande mandamento e mostra que não podemos agir como se essas ordens fossem idênticas ou mutuamente excludentes. Existe uma relação entre os dois:

A Grande Comissão nem explica, nem esgota, nem suplanta o grande mandamento. O que ela faz é acrescentar ao requerimento de amor e serviço ao próximo uma nova e urgente dimensão cristã. Se verdadeiramente amarmos nosso próximo, devemos, sem dúvida, compartilhar com ele as boas novas de Jesus. Como podemos afirmar amá-lo se conhecemos o evangelho, mas o abstermos dele? Entretanto, da mesma forma, se verdadeiramente amarmos nosso próximo, não devemos parar no evangelismo. Nosso próximo não é uma alma sem

³⁸ ZWETSCH, 2008, p. 226.

³⁹ BOSCH, 2002, p. 110.

⁴⁰ STEUERNAGEL, 1994, P. 36.

corpo, em que só a alma deve ser amada, nem um corpo sem alma, em que só o corpo deve ser cuidado, nem uma junção de corpo e alma separados da sociedade⁴¹.

Stott mostra que precisamos considerar que comissão foi essa que o Senhor deu ao seu povo. Para ele não há dúvidas de que na maioria das versões há uma ênfase no evangelismo. Marcos termina seu evangelho dizendo “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda a criatura” (Marcos 16.15). Mateus fala para irmos por todas as nações fazendo discípulos, ensinando e batizando (Mateus 28.19-20). Lucas também termina seu evangelho dizendo que “em seu nome seria pregado o arrependimento para perdão de pecados a todas as nações, começando por Jerusalém” (Lucas 24.47). E Lucas inicia ainda o livro de Atos afirmando que o povo receberia poder e seria testemunha em todos os lugares (Atos 1.8). Mas a forma crucial, a mais custosa e por isso a mais negligenciada, foi a de João quando afirma na oração de Jesus, “assim como o Pai me enviou, eu também vos envio” (João 20.21). O apóstolo já havia registrado antes a oração de Jesus ao Pai no cenáculo dizendo: “Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os envie ao mundo”. Stott com isso mostra que Jesus fez de sua própria missão um modelo para a nossa missão. Jesus nos envia ao mundo, assim como ele foi enviado ao mundo. Jesus evangelizou através do serviço, sua evangelização era feita através de palavra e de obras, sem esquecer que ele foi rejeitado e nos chamou para assumir a sua cruz. Sem entender isto, não vamos entender o que significa evangelizar e seguir Jesus. Infelizmente a posição que temos adotado, que tem sido quase algo natural para o mundo evangélico, usando o texto da Grande Comissão de Mateus, é a de gritarmos o Evangelho para as pessoas tomando distância de suas consequências, ao invés de nos envolvermos com as pessoas e sua vida de forma profunda, assim como Jesus fez⁴².

⁴¹ STOTT, 2010, p. 34.

⁴² STOTT, 2010, p. 26-29.

1.5 A Compreensão paulina do Evangelho

Entendemos que evangelização e ação social devem caminhar juntas, como afirma o Pacto de Lausane, por isso queremos abordar a compreensão paulina do Evangelho, justamente por ser Paulo o grande missionário do Novo Testamento e por ser atribuída a ele uma proclamação somente verbal do evangelho, tese que necessita ser questionada frontalmente. Lendo as cartas com mais atenção, percebemos que há em Paulo uma preocupação muito presente com a prática de boas obras e um serviço responsável no mundo, sem os quais mal entendemos o apóstolo nascido fora do tempo e que enfrentou prisão, sofrimento, canseiras e rejeição para, pelo menos, salvar alguns ao anunciar-lhes com palavra e vida o evangelho de Jesus, o Cristo (I Coríntios 4.11-13; II Coríntios 6.4-10, 11.23-27).

Utilizaremos as cartas que são atribuídas como sendo de estrita autoria paulina para aprofundarmos sua compreensão do evangelho, mesmo sabendo que há grande discussão a respeito deste assunto. Adotamos a posição de Carriker que sabe que nem toda a literatura neotestamentária que se diz ser escrita por Paulo é aceita como autenticamente do próprio apóstolo. Mas, ele considera como paulinas todas as cartas no Novo Testamento que asseguram autoria paulina porque essa autoafirmação pesa muito mais que a acusação pseudepigráfica pode negar, a evidência externa é coerente em afirmar a autoria paulina desde os primeiros pais pós-apostólicos, e os argumentos lingüísticos, literários, estilísticos e dogmáticos não são suficientemente convincentes para anular o peso das duas colocações anteriores⁴³.

Segundo Carriker a missão realizada por Paulo foi feita por palavras e obras, como ele próprio afirma em sua carta à igreja de Roma (Romanos 15.18)⁴⁴. As cartas de Paulo não continham explicitamente sermões que o apóstolo pregava, mas é razoável dar-nos conta que elas refletem os temas

⁴³ CARRIKER, Timóteo. *Missão integral*. Uma teologia bíblica. São Paulo: Sepal, 1992. p. 222.

⁴⁴ CARRIKER, 1992. p. 235.

básicos que ele empregou na sua pregação⁴⁵. Fica nítido nas cartas de Paulo a ênfase que ele dá à prática das boas obras, mostrando que esse assunto fazia parte dos temas básicos de sua pregação. Paulo entende a palavra da justificação de uma forma mais complexa, portanto, do que normalmente se atribui a ela no evangelismo contemporâneo.

Paulo em sua carta à igreja de Éfeso, por exemplo, afirma que a salvação é pela graça, por meio da fé, e não por obras. Mas ao sermos salvos somos chamados a praticar as boas obras que Deus mesmo preparou para que andássemos nelas (Efésios 2.8-10). Para Tito, seu verdadeiro filho na fé, ele o ensina a ser um exemplo, fazendo boas obras (Tito 2.7). Na mesma carta ele deixa claro que Jesus se entregou por nós para nos remir de toda a maldade, e purificar um povo para si mesmo dedicado à prática de boas obras (Tito 2.14). Ordena que Tito afirme categoricamente que os que crêem em Deus devem se empenhar na prática de boas obras (Tito 3.8). E por último ele diz quanto aos nossos que devem aprender a dedicar-se à prática de boas obras (Tito 3.14).

Ao escrever para seu filho na fé Timóteo, Paulo ordena que as mulheres se vistam modestamente, não com tranças, ouros ou pérolas, mas se vistam com boas obras, como convêm às mulheres que professam adorar a Deus. (I Timóteo 2.9,10). Depois ele diz que as viúvas devem ser reconhecidas pela prática de boas obras e cita ainda alguns exemplos dessa prática. (I Timóteo 5.10). Ordena aos ricos que pratiquem o bem e sejam ricos em boas obras (I Timóteo 6.18). Em sua segunda carta a Timóteo ele lembra a importância da Palavra para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda a boa obra (II Timóteo 3.16,17). E fala também da importância da santificação para a prática das boas obras (II Timóteo 2.21).

A preocupação de Paulo com os pobres em Jerusalém também mostra que a proclamação do Evangelho por parte dele era caracterizada pela prática de boas obras. Paulo arrisca sua vida e liberdade voltando a Jerusalém para levar as ofertas recolhidas nas igrejas gentílicas em favor dos pobres das

⁴⁵ CARRIKER, 1992.p. 237.

igrejas em Jerusalém, concretizando uma promessa que fizera no Concílio dos Apóstolos (Atos 15; Gálatas 2.10). Para Paulo, é um ato de justiça distribuir os bens aos necessitados (II Coríntio 9.9). “Paulo viu sua diakonia aos pobres de Jerusalém como uma parte integral de seu ministério e do cumprimento do evangelho”⁴⁶. Samuel Escobar chama a atenção que “as contribuições dos cristãos para ajudar os pobres, e até para eliminar as causas da pobreza, deveriam ser canalizadas no quadro de reciprocidade e mutualidade que só pode brotar de um compromisso comum de crer em Cristo”⁴⁷.

Paulo fala ainda sobre praticar a hospitalidade e prestar ajuda (Romanos 12.13), servir ao outro (Gálatas 5.13), levar as cargas uns dos outros (Gálatas 6.2), cuidar dos pobres (Gálatas 2.10), contribuir generosamente (Romanos 12.8). Além disso, os cristãos devem amar uns aos outros e também os de fora (I Tessalonicenses 3.12). Para Paulo, viver a fé em Cristo sem praticar as boas obras que Deus preparou para nós, como cristãos e gente de seu povo, seria total contradição com tudo o que está envolvido no cristianismo. Segundo Bosch:

As pequenas igrejas paulinas constituem múltiplos bolsões de um estilo de vida alternativo que permeia os costumes e práticas da sociedade em torno delas. No meio de uma geração pervertida e corrupta, os cristãos devem ser irrepreensíveis e resplandecer como luzeiros no mundo (Fp 2.15) – sóbrios no julgamento, alegres na prática de atos de misericórdia, pacientes na tribulação, constantes na oração, praticando a hospitalidade, vivendo harmoniosamente com todas as pessoas, sem presunção, servindo aos necessitados (Rm 12). A paixão pela vinda do reinado de Deus anda de mãos dadas com a compaixão por um mundo em necessidade⁴⁸.

A ênfase que Paulo deu à justificação pela fé não pode ser confundida com uma proclamação que renuncia ou desvaloriza a prática de boas obras, da ação social ou de um serviço responsável no mundo. Escobar mostra que

⁴⁶ STEUERNAGEL, 1994, p. 31.

⁴⁷ ESCOBAR, Samuel. *Desafios da Igreja na América Latina: história, estratégia e teologia de missões*. Viçosa: Ultimato, 1997, p. 99.

⁴⁸ BOSCH, 2002, p. 190.

principalmente nos anos 1960 e 1970 houve um declínio da popularidade de Paulo, pois:

Havia certo embaraço com Paulo, por causa do seu suposto conservadorismo social e sua espiritualidade dualista [...] Em suas viagens de cidade em cidade, da sinagoga para o mercado, em casa, navios, ou pelo caminho, a principal preocupação de Paulo foi a proclamação do Evangelho⁴⁹.

Realmente a preocupação principal de Paulo foi com a proclamação do Evangelho, mas percebemos que nele não havia um conservadorismo social ou uma espiritualidade dualista como se supôs durante certo tempo nos meios evangélicos. Através do que ele ensinava e vivia fica claro que Paulo em todo o tempo praticou a ação social através de práticas de boas obras. Paulo teve a ousadia de escrever para a igreja de Corinto conclamando seus membros a serem imitadores dele assim como ele o era de Cristo (I Co 11.1), pois evidentemente Jesus serviu ao seu povo e às pessoas a quem anunciou o reino de Deus através de palavras e de obras. Isto é inegável até mesmo numa leitura superficial dos evangelhos. Como afirma Stott, é impossível separar as palavras das obras de Jesus, pois “ele alimentou bocas famintas, lavou pés sujos, curou enfermos, confortou os abatidos e até ressuscitou mortos”⁵⁰. Paulo entendia isso e seguiu o exemplo de Jesus em palavras e ações, conclamando seus discípulos e as igrejas que reuniu em diferentes lugares da Ásia Menor a fazerem o mesmo. A mensagem da justificação por graça e fé tão defendida por Paulo, e que se tornou o coração da mensagem da Reforma Protestante, será mal entendida se for desconectada de suas consequências nas novas relações de amor e serviço.

Evangelização e ação social, portanto, são parceiros inseparáveis, que se complementam, ao mesmo tempo são independentes entre si. Entretanto, isso não significa que todos nós devemos nos envolver integralmente em ambos o tempo todo. Cada um de nós possui um chamado e dons específicos

⁴⁹ ESCOBAR, 1997, p. 88-90.

⁵⁰ STOTT, 2012, p. 28.

que o próprio Deus ofertou gratuitamente. Situações são sempre variáveis e em cada caso haverá uma maneira certa de agir. Como afirma Stott, o homem da parábola do bom samaritano não precisava de folhetos evangelísticos, mas de remédios e curativos para suas feridas. E os apóstolos logo descobriram que foram chamados ao ministério da palavra e não podiam negligenciar isso para servir às mesas⁵¹. Há diferentes tipos de dons e diferentes formas de atuação; alguns têm o dom de evangelista e outros possuem o dom de servir (Romanos 12.7). O tempo dedicado a cada uma dessas áreas irá variar, mas todos devem estar comprometidos tanto com a evangelização quanto com a ação social. Além disso, este tema mostra precisamente que a tarefa missionária é e será sempre tarefa da *comunidade cristã*, em complementaridade mútua e recíproca. Raramente, pessoas isoladas dão conta da *missão integral*.

Sebastião Armando Gameleira Soares mostra que “diaconia não é apenas o serviço social e político prestado pela Igreja à sociedade. Diaconia tem de ser tudo na Igreja”. Ainda de acordo com ele:

O serviço ou diaconia não deve ser entendido como alguma outra tarefa, como se além de evangelização houvesse ainda que exercer a diaconia. Não se trata de evangelizar e também servir. Diaconia não é tarefa, pois nossa única tarefa é evangelizar, proclamar o evangelho por obras e palavras. DIACONIA é método, é o caminho obrigatório da Igreja de Jesus em tudo o que faz, pois Jesus é o Servo por excelência. Somos enviados(as) (MISSÃO) a evangelizar (TAREFA) mediante o serviço (MÉTODO)⁵².

Pelo chamado e dons que recebeu Paulo dedicou a maior parte do seu tempo à evangelização, porém nunca se esqueceu da prática de boas obras e de sua responsabilidade social, como vimos acima. Evidentemente, temos de convir que os tempos mudam e a nossa situação nos dias de hoje é muito diferente da de Paulo no final do primeiro século da era cristã. Mas esta compreensão da inseparabilidade entre fé (justificação) e boas obras é algo sobre o qual não podemos nos equivocar, sob pena de mal entendermos a palavra de Jesus, palavra que salva, cura e liberta.

⁵¹ STOTT, 2012, p. 33.

⁵² SOARES, 1999, p. 225.

Todos nós somos chamados a participar da *missio Dei*. Ser cristão é estar envolvido na missão de Deus. A missão de Deus é sempre uma missão integral. Dentro dessa missão a evangelização tem prioridade, porém a proclamação não pode ser entendida apenas como proclamação verbal do Evangelho. A proclamação precisa estar acompanhada de boas obras. A Grande Comissão não pode ser reduzida a um mandamento evangelístico, pois evangelização e ação social são aspectos essenciais da missão de Deus. Evangelização e proselitismo não são atividades idênticas. Paulo, o grande missionário da igreja primitiva e autor de mais da metade dos livros do Novo Testamento, tinha como prioridade a evangelização, mas em todo o tempo ensinava a respeito da prática de boas obras por parte dos cristãos e era um exemplo para as igrejas na ação social. É dessa maneira que esperamos que os jovens universitários evangélicos possam agir e a presente pesquisa procurará identificar a maneira como eles têm agido e como deve ser essa prática.

Capítulo 2 – O JOVEM UNIVERSITÁRIO EVANGÉLICO BRASILEIRO: O SURGIMENTO DA GERAÇÃO Y E A SUA RELIGIOSIDADE

2.1 O conceito de Juventude na cultura ocidental

A condição do ser jovem situa-se entre a etapa da infância, tempo da primeira fase de desenvolvimento corporal (físico, emocional, intelectual) e da primeira socialização, fase esta de quase total dependência e necessidade de proteção, e a idade adulta quando se espera que aconteça o ápice do desenvolvimento e da cidadania plena.

A juventude começa com as mudanças físicas da puberdade (de maturação das funções fisiológicas ligadas à capacidade de reprodução), com as concomitantes transformações intelectuais e emocionais e termina, em tese, quando se conclui a “inserção no mundo adulto”. Na concepção clássica da Sociologia tal inserção, que marca o fim da juventude, abarca, de modo geral, cinco dimensões: terminar os estudos, viver do próprio trabalho; sair da casa dos pais e estabelecer-se numa moradia pela qual torna-se responsável ou co-responsável; casar, ter filhos⁵³.

A juventude é vista, então, como uma etapa de transição para a vida adulta, um processo que prepara o jovem para assumir o papel de adulto na sociedade. Este período que compreende a juventude é legitimado pela sociedade como um tempo para a sua exclusiva formação com vistas ao exercício futuro das responsabilidades atribuídas ao adulto. Porém, a juventude é vista também como uma etapa de vida que tem suas próprias oportunidades e limitações.

Essas fases da vida são culturais e históricas. O próprio conceito de juventude é uma construção histórica e social. Oscar Dávila León afirma que “os conceitos de adolescência e juventude correspondem a uma construção social, histórica, cultural e relacional, que através de diferentes épocas e

⁵³ FREITAS, Maria Virgínia de. ABRAMO, Helena Wendel. LEÓN, Oscar Dávila. *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005, p.7.

processos históricos e sociais vieram adquirindo denotações e delimitações diferentes⁵⁴. Hoje percebe-se um alargamento desta fase da vida. Este período da vida começa mais cedo e termina mais tarde. O conceito de juventude é fruto da sociedade moderna ocidental, uma vez que

a juventude “nasce” na sociedade moderna ocidental (tomando um maior desenvolvimento no século XX), como um tempo a mais de preparação (uma segunda socialização) para a complexidade das tarefas de produção e a sofisticação das relações sociais que a sociedade industrial trouxe”, não aparecendo desde sempre como uma etapa singularmente demarcada⁵⁵.

A juventude pode ser abordado por diferentes aspectos. A visão biocronológica que define a juventude em termos de idade, a partir da qual a juventude é entendida como etapa de transição. A visão psicológica vê a juventude como uma etapa de construção da identidade, durante a qual o jovem tem muitas opções e define sua vocação. Já a visão sociológica vê a juventude como um grupo social diferenciando vários setores: estudantes, universitários, jovens em situações críticas, indígenas, operários/trabalhadores, e outros grupos. A visão cultural-simbólica vê a juventude em seu universo cultural a partir do qual constrói símbolos identitários; pode-se ainda mencionar uma visão jurídica ou legal de juventude⁵⁶. Essas visões não são excludentes. Maria Virgínia de Freitas afirma: “A definição de juventude pode ser desenvolvida por uma série de pontos de partida: como uma faixa etária, um período da vida, um contingente populacional, uma categoria social, uma geração...”⁵⁷.

Existem elementos que são comuns a todos os jovens e não se pode ter uma visão fragmentada da juventude. Mas é importante salientar que não existe necessariamente somente uma juventude, mas várias. Não existe um único tipo de jovem. A presente pesquisa visa prioritariamente analisar a

⁵⁴FREITAS, ABRAMO, LÉON, 2005, p.10.

⁵⁵ ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania, Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 41.

⁵⁶ DICK, Hilário. *Gritos silenciados, mas evidentes*. Jovens construindo juventude na História. São Paulo: Loyola, 2003, p. 15.

⁵⁷ FREITAS; ABRAMO; LEÓN, 2005, p.6.

juventude universitária e sua relação com a religiosidade ou a vivência da fé. Esta é uma das juventudes, dentre muitas, que existe no Brasil. Vários estudos recentes têm focado esta questão das diversas juventudes existentes para que não se esqueça das diferenças e desigualdades que atravessam esta condição. As diversas políticas públicas que vem sendo adotadas em nosso país são resultado dessa perspectiva de que é preciso se pensar nessas diversas juventudes, isto é, na diversidade social e cultural que a caracteriza. “É comum o alerta de que não há propriamente uma juventude, mas várias, definidas e caracterizadas segundo diferentes situações, vivências e identidades sociais”⁵⁸.

2.2 Jovens no Brasil

De acordo com Helena Wendel Abramo, no Brasil vem se tornando convenção abordar juventude como o grupo de idade na faixa dos 15 aos 24 anos⁵⁹. A Assembleia Geral das Nações Unidas define “jovem” como sendo o grupo de pessoas com esta idade. Essa definição data de 1985, Ano Internacional da Juventude. Já para Paul Singer, falar de juventude é falar de pessoas que estão na faixa etária dos 16 aos 24 anos⁶⁰. Em outros países se fala em juventude indo até os 29 anos ou mesmo 35 anos, e algumas instituições consideram como referência para a juventude uma idade inferior aos 15 anos. A Secretaria Nacional de Juventude, vinculada à Secretaria Geral da Presidência da República, e o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE)⁶¹, ambos criados em 2005, consideram jovens os cidadãos e cidadãs com idade compreendida entre 15 e 29 anos. Para o CONJUVE, as pessoas entre 15 e 17 anos seriam os adolescentes jovens, os de 18 a 24 anos

⁵⁸ ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. *Juventude, juventudes: o que une e o que separa*. Brasília: UNESCO, 2006, p. 9.

⁵⁹ ABRAMO; BRANCO, 2005, p. 45.

⁶⁰ ABRAMO; BRANCO, 2005, p. 24.

⁶¹ As atribuições do Conselho são a de formular e propor diretrizes voltadas para as políticas públicas de juventude, desenvolver estudos e pesquisas sobre a realidade socioeconômica dos jovens e promover o intercâmbio entre as organizações juvenis nacionais e internacionais. O Conjuve é composto por 1/3 de representantes do poder público e 2/3 da sociedade civil, contando, ao todo, com 60 membros, sendo 20 do governo federal e 40 da sociedade civil. Mais informações em <http://www.juventude.gov.br/conjuve>.

seriam os jovens-jovens, e os de 25 a 29 anos são os chamados jovens-adultos⁶². Como Helena Wendel Abramo considera jovens as pessoas com idade entre 15 e 24 anos, o primeiro momento, segundo ela, seria chamado de adolescência (dos 15 aos 17 anos), o segundo entre 18 e 20 anos, e o terceiro entre 21 a 24 anos. O público universitário consiste em sua grande maioria na segunda fase da juventude. Em relação ao limite inferior o debate não é muito intenso, pois se observa um razoável consenso em que o,

desenvolvimento das funções sexuais e reprodutivas representa uma profunda transformação da dinâmica física, biológica e psicológica que diferencia o adolescente da criança. No entanto, no estabelecimento do limite superior surgem dúvidas. As fronteiras da juventude em relação à fase adulta são de fato difusas⁶³.

Assim como ocorre com a população brasileira, o número de jovens durante muito tempo esteve aumentando gradativamente. “Quando se trata especificamente da população de jovens com idade compreendida entre 15 e 29 anos, tem-se que, em 1970, havia no Brasil 25.043.157 jovens, subindo para 41.220.428 jovens em 1991 e ultrapassando os 47 milhões em 2004”⁶⁴. Hoje, já são mais de cinquenta milhões de brasileiros e brasileiras com idade entre 15 e 29 anos. O período entre 2000 e 2011 ficou conhecido como o fenômeno chamado “Onda Jovem”, quando foi atingido um pico no número de jovens em proporção às demais faixas etárias, chegando a um quarto da população brasileira. Este aumento foi propiciado, dentre outros fatores, pela ampliação das taxas de natalidade nas décadas de 1980 e 1990. Porém, percebe-se atualmente que houve uma pequena diminuição no número de jovens no Brasil, fenômeno que tem a ver com a sensível mudança da demografia brasileira, com a franca diminuição da taxa de nascimentos e o aumento gradativo da população da terceira idade. Parece que a “Onda Jovem” passou.

⁶² CASTRO, Maria Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; LEON, Alessandro. *Juventude: tempo presente ou futuro?* Dilemas em propostas de políticas públicas. São Paulo: GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas, 2007, p. 28.

⁶³ *Políticas públicas de/para/com as juventudes*. – Brasília: UNESCO, 2004, p. 23.

⁶⁴ ABRAMOVAY; CASTRO, 2006, p. 19.

2.3 Juventude universitária brasileira: uma visão abrangente

O número de universitários no Brasil também tem crescido bastante nos últimos anos, principalmente devido às políticas de abertura da Universidade para setores que antes dificilmente tinham acesso a ela (PROUNI, ENEM, e outros programas oficiais do governo federal). Mesmo assim, apenas cerca de 13% dos jovens frequentam o ensino superior, apesar do Plano Nacional de Educação (PNE) 2001-2010 ter estabelecido como meta “o crescimento da oferta de educação superior para, pelo menos, 30% da faixa etária de 18 a 24 anos, até o final da década”⁶⁵. Ainda assim e embora o Brasil esteja longe dessa meta, na última década a população universitária mais que dobrou. Em 2011 o número de alunos universitários no Brasil alcançou a cifra recorde de 6.739.689, o que significa um crescimento de 5,7% em relação a 2010, segundo dados do Censo da Educação Superior 2011. Se a comparação fosse com a última década do século XX, ela seria ainda mais evidente. Esse grande crescimento da população universitária foi proporcionado pela ampliação de vagas públicas, pois entre 2002 e 2010 foram criadas 14 universidades federais, além da criação, em 2006, do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni); pelo processo de interiorização que levou as instituições de ensino superior para muitos municípios do interior; pelo fortalecimento da educação tecnológica; pela ampliação do financiamento aos estudantes via novas políticas de financiamento com a criação do Programa Universidade para Todos (PROUNI) e reedição do Fundo de Financiamento ao Estudante de Ensino Superior (FIES); pelo estímulo à modalidade de estudo a distância gerando um enorme crescimento dos cursos a distância; pelo fomento às políticas e aos programas de inclusão e de ações afirmativas que gerou possibilidades dos estudantes de baixa renda frequentarem e avançarem nos estudos de nível superior. Nesse sentido, destaca-se a política de cotas, adotada por 54 universidades públicas

⁶⁵ SPELLER, Paulo; ROBL, Fabiane; MENEGHEL, Stela Maria. *Desafios e perspectivas da Educação Superior Brasileira para a próxima década*. Brasília: UNESCO, CNE, MEC, 2012, p. 17.

em todo o país; e compromisso com a formação de professores de educação básica⁶⁶.

A tendência, portanto, é continuar havendo um grande crescimento da população universitária nos próximos anos. O Plano Nacional de Educação (2011-2020)⁶⁷, recentemente aprovado, continua estabelecendo como meta este aumento e o governo federal tem dado indícios de que as políticas públicas continuarão sendo fortalecidas. Em relação ao tema desta pesquisa, cabe ressaltar que o aumento da população de baixa renda no acesso e permanência na educação superior pode levar a um aumento da população evangélica universitária, pois a população evangélica, devido ao grande percentual de evangélicos pentecostais, está em maior parte inserida nas classes C e D. Segundo pesquisa recente, é possível afirmar que “o perfil socioeconômico dos jovens pentecostais entrevistados é condizente com o que vem sendo analisado na literatura especializada: o pentecostalismo cresce mais entre os mais pobres”⁶⁸. Havendo um crescimento dos jovens dessa classe social nas universidades, é provável que aumente a porcentagem dos evangélicos na educação superior. Somente uma pesquisa mais apurada pode confirmar isso.

Na verdade, não há como verificar exatamente a quantidade de jovens universitários evangélicos no Brasil devido à falta de pesquisas neste sentido. Ainda assim, na pesquisa “Perfil da religiosidade do universitário – um estudo de caso na PUC-SP”, verificou-se que para o ano de 2003 o número de universitários que se declararam evangélicos foi de 20% (5% históricos e 15% pentecostais), enquanto que na população brasileira registrada no Censo 2000 o número de evangélicos foi de 14,1%. É importante observar este fato, pois o percentual de evangélicos dentro da PUC-SP era maior do que o registrado na população brasileira. De maneira geral, os evangélicos são vistos, principalmente os pentecostais, por pertencerem às camadas mais baixas da população brasileira. Entretanto, com frequência associam-se universitários a pessoas agnósticas, ateias ou que não estão ligadas a alguma religião. A

⁶⁶ SPELLER; ROBL; MENEGHEL, 2012, p. 19.

⁶⁷ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf>. Acesso em 18/01/2013.

⁶⁸ ABRAMO; BRANCO, 2005, p. 269.

própria pesquisa procurava “decifrar a experiência religiosa de um tipo de juventude em geral apontado como desprovido de crenças, pouco assíduo a práticas religiosas e que flerta com o niilismo, o consumismo e o individualismo”⁶⁹. Esta pesquisa mostra que isso não é uma realidade, ao mesmo tempo em que demonstra a força dos evangélicos ao terem 20% de universitários em uma das mais importantes instituições católicas de ensino superior do país⁷⁰. Chama a atenção também o fato de que desta população universitária, 5% eram de evangélicos históricos e 15% pentecostais, pois sendo a PUC-SP, uma instituição onde a maioria de pessoas possuem um poder aquisitivo alto, esperava-se que o número de evangélicos históricos fosse maior do que a dos evangélicos pentecostais. Nesta pesquisa verificou-se também que, para os entrevistados, o temor a Deus era o valor mais importante para uma sociedade ideal. Todos os evangélicos entrevistados nesta pesquisa afirmaram que comparecem apenas aos cultos de suas igrejas valorizando sua adesão religiosa⁷¹.

2.4 A juventude de acordo com as gerações

De acordo com Sidnei Oliveira, “é a primeira vez que cinco gerações diferentes de pessoas convivem mutuamente, em números significativos, de forma consciente, interferindo e transformando a realidade”⁷². O foco principal do nosso estudo é a *Geração Y*, que comporta jovens nascidos entre 1980 e 1999, pois os atuais universitários fazem parte desta geração. Mesmo assim, precisamos conhecer as gerações anteriores para podermos compreender melhor esta nova geração, com suas características próprias.

⁶⁹ RIBEIRO, Jorge Claudio. *Religiosidade jovem – pesquisa entre universitários*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 137.

⁷⁰ RIBEIRO, 2009, p. 126.

⁷¹ RIBEIRO, 2009, p. 127.

⁷² OLIVEIRA, Sidnei. *Geração Y: o nascimento de uma nova versão de líderes*. São Paulo: Integrare Editora, 2010, p. 40.

2.4.1 Geração Tradicional ou *Belle Époque*

A geração mais antiga é chamada de geração tradicional ou *Belle Époque*. São as pessoas nascidas entre 1920 e 1940. O mundo na época passava por uma grave crise econômica, primeira guerra mundial (1914-1918), famílias deixando seus lares e imigrando em busca de trabalho ou fugindo da guerra. Devido a isso, os jovens desenvolveram fortes valores como compaixão e solidariedade, e a grande missão desses jovens era reconstruir a sociedade através da diligência no trabalho, e do respeito às autoridades e às regras. Para os tradicionalistas o sentido maior do emprego era fazer um trabalho bem feito. Muitos atuaram como operários para que os filhos tivessem um futuro melhor e o significado para eles era dar um futuro melhor para as pessoas que amavam.

2.4.2 Geração *Baby boomers*

A geração seguinte foi chamada de “*Baby boomers*”, a geração nascida após a segunda guerra mundial (1939-1945) que resultou em um grande número de nascimentos de crianças, por isso o nome “*Baby boomers*”, “explosão de bebês”. São os nascidos entre 1945 e 1960, época dos anos dourados, pois a sociedade estava sendo reconstruída em alta velocidade, havia certa euforia no crescimento econômico marcado pelo conceito de desenvolvimento. Desse modo, nascer neste período foi considerado um privilégio. Foi uma época marcada pela rigidez e disciplina, não havia espaço para contestar qualquer coisa, pois “qualquer comportamento fora do padrão era considerado nocivo para a sociedade”⁷³. Valores como disciplina, ordem e obediência marcaram essa época, porém tanta rigidez e disciplina fizeram surgir jovens mais rebeldes e contestadores. Os *Baby boomers* se tornaram a geração com o maior nível educacional até então devido ao duro trabalho dos tradicionalistas. Para esta geração, somente ao assumir os cargos mais altos

⁷³ OLIVEIRA, 2010, p. 50.

na sociedade é que eles poderiam ter um papel significativo. Nesse sentido, as pessoas em cargos mais baixos não poderiam fazer algum tipo de trabalho significativo. Então, pode-se afirmar que os jovens desta época estavam dispostos a trabalhar por anos na espera de conseguir um alto cargo para finalmente atingirem um trabalho significativo que lhes conferisse prestígio.

2.4.3 Geração X

Os nascidos entre 1960 e 1980 ficaram conhecidos como a *Geração X*, nome herdado por causa de Malcolm X, um dos maiores representantes na defesa dos direitos dos negros nos Estados Unidos. Foi uma época marcada pela rebeldia da juventude contra qualquer coisa que tivesse o caráter de convencional ou padronizado. Sidnei Oliveira afirma: “a nova ordem era rebelar-se contra qualquer coisa que tivesse o caráter de convencional ou padronizado, inclusive estrutura familiar”⁷⁴. A televisão afetou de forma significativa esta geração. Ela desenvolveu verdadeira paixão por programas superficiais e de baixa relevância crítica. Os jovens dessa geração adotaram uma postura mais omissa, não se envolviam diretamente em qualquer tipo de manifestação social e não tinham identificação com a agressividade proposta pelos movimentos políticos. “A música aumentou significativamente seu papel na comunicação e identificação dos jovens”⁷⁵, e para estes o casamento já não era visto como uma relação para toda a vida. O divórcio não era mais algo vulgar e escandaloso para as famílias, pois não havia sentido permanecerem juntos se os pais viviam brigando e quase nunca demonstravam carinho mútuo. A *Geração X* foi a primeira geração a ouvir que não iria progredir como foi com seus pais. Para esta geração o sentido não estava no trabalho, mas fora dele, por isso tanta dedicação a grandes viagens, esportes radicais, *hobbies* e passar tempo com amigos e familiares. A *Geração X* foi a primeira que sentiu com mais intensidade a ausência não somente do pai, mas também a da mãe que já estava definitivamente integrada no mercado de trabalho, além da alta

⁷⁴ OLIVEIRA, 2010, p. 53.

⁷⁵ OLIVEIRA, 2010, p. 55.

taxa de divórcios dos pais. Com isso, o principal objetivo de sua carreira foi buscar equilíbrio entre trabalho e família e nisso está sua maior fonte de significado.

2.4.4 Geração Y: a atual geração dos universitários

A *Geração Y*, que reúne nascidos entre 1980 e 1999, recebeu esse nome porque a antiga União Soviética (URSS), que exercia grande influência sobre os países comunistas, definia a primeira letra dos nomes que deveriam ser dados aos bebês entre 1980 a 1990 com o Y. Surge assim o nome *Geração Y*. Esta geração é extremamente informada, ao mesmo tempo e paradoxalmente, bastante alienada, “pois ainda não conseguem ou não sabem lidar com toda esta informação de forma produtiva”⁷⁶. Os jovens dessa geração aprenderam a lidar com a ausência não somente do pai, mas também com a da mãe. Metade dos jovens não tem pai e mãe morando juntos na mesma casa; 33% tem pais separados; 8% nunca tiveram contato com o pai ou a mãe, afirma a pesquisa realizada pela MTV, chamada de *Dossiê Universo Jovem*⁷⁷. Para compensar essa ausência, os pais procuraram proporcionar aos filhos uma ótima educação com a melhor escola, curso de inglês, natação, futebol ou qualquer outra atividade que pudesse preencher o tempo do filho ou filha. Os jovens tiveram uma qualificação muito elevada, pois nenhuma geração anterior recebeu tantos cuidados, estímulos e informações, pelo menos nas classes média e alta. É importante salientar que isso não pode ser generalizado, pois a sociedade atual possui enormes lacunas em “bolsões de pobreza”, nos quais os jovens encontram muitas limitações, com um nível de ensino extremamente inferior e poucas alternativas para melhorar de vida. Porém, entre os

⁷⁶ OLIVEIRA, 2010, p. 40.

⁷⁷ Disponível em: http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie4_Mtv.pdf, Acesso em 17/01/ 2013, p.6. Em 1999, 2000, 2005, 2008 e 2010, a MTV Brasil (Music Television) produziu dossiês chamados de “Universo Jovem”, onde se pesquisou a juventude brasileira a partir de diversos temas, tais como família, religião, educação, sexo, poder de consumo e hábitos de mídia, sustentabilidade e a preservação do planeta, tecnologia, consumo de conteúdo, paixão por telas, música, etc. Pode-se conferir comentários dos três primeiros dossiês em “Religiosidade jovem – pesquisa entre universitários” de Jorge Claudio Ribeiro, p.122-124.

universitários, foco principal desta pesquisa, fica mais evidente o que estamos abordando aqui.

A estrutura familiar é bastante diferente das outras gerações, pois muito desses jovens viram seus pais se casando novamente e tiveram irmãos e irmãs de pais diferentes. “O conceito de família tem se modificado substancialmente ao longo dos anos”⁷⁸. De acordo com a pesquisa “Juventude, o que une ou separa”, “entre os jovens brasileiros, apenas 33,8% vivem em uma família cuja estrutura é do tipo nuclear ou extensa, ou seja, com a presença dos pais e irmãos”⁷⁹. Porém, se analisarmos a distribuição dos jovens segundo com quem vivem, de acordo com o grau de instrução, esse número chega a 50%⁸⁰.

De acordo com o *Dossiê Universo Jovem 4*, a maioria dos jovens ainda mora com os pais, 77% são solteiros e, incríveis 97% moram com a família, mostrando que até mesmo alguns dos que já são casados ainda vivem com os pais. Helena Wendel Abramo afirma que “cada vez mais, jovens vivenciam certos elementos de ‘transição para a vida adulta’ sem realizar a independência da família de origem”⁸¹. Percebe-se que cada vez mais os jovens demoram para sair das casas dos pais assumindo suas próprias despesas. Uma menor renda familiar e um mais baixo nível de escolaridade são dois fatores que levam a uma maior dependência da família de origem⁸². Com isso, os universitários que, em geral, possuem uma renda familiar mais alta, são ainda muito dependentes da família de origem. Resultado parecido foi apontado na pesquisa entre os universitários da PUC-SP revelando “o nível de dependência do público pesquisado em relação a sua família”⁸³. Em “Juventude – o que une ou separa”, 49,3% nunca saíram de casa, quase a metade da população jovem brasileira, e 25,5% voltaram a viver na casa de sua família de origem após seis meses. Para esta geração, de acordo com os jovens entrevistados no *Dossiê Universo Jovem 4*, é um grande valor (80%) ter uma união familiar e boa

⁷⁸ ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luis Carlos Gil. *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. São Paulo: UNESCO, 2007, p. 44.

⁷⁹ ABRAMOVAY; CASTRO, 2006, p.20.

⁸⁰ ABRAMOVAY; CASTRO, 2006, p.60.

⁸¹ ABRAMO; BRANCO, 2005, p. 47.

⁸² ABRAMO; BRANCO, 2005, p. 49.

⁸³ RIBEIRO, 2009, p. 144.

relação familiar⁸⁴. Os jovens afirmam ter boa relação com os pais (73%) e ainda melhor com as mães (90%)⁸⁵. Ainda de acordo com Helena Wendel Abramo, “a família aparece como uma instância fundamental para a vida da grande maioria: como estrutura central para poder viver a vida enquanto jovem, como referência afetiva, como referência ética e comportamental e para o próprio processo de amadurecimento”⁸⁶.

A popularização da internet e do computador pessoal alterou profundamente esta geração. “De 2005 para 2008, o índice de jovens que acessa a internet cresceu de 66% para 86%. Esse crescimento está fortemente relacionado à maior oferta de locais gratuitos e pagos para acessar a internet”⁸⁷. Pensando na realidade dos estudantes universitários, quase a totalidade deles acessa frequentemente a internet. Os jovens possuem total intimidade com as novas tecnologias, obtendo um perfil altamente tecnológico. Não se preocupam com hierarquias, pois muitos dos pais procuraram ser mais amigos do que impor ordem ou disciplina aos seus filhos. Eles conseguem realizar várias tarefas ao mesmo tempo, são multitarefas, usando as várias ferramentas eletrônicas simultaneamente. Possuem uma flexibilidade maior quanto a horários e espaços de trabalho, e estão mais dispostos a realizar as tarefas de maneira colaborativa.

Os jovens da *Geração Y* são caracterizados por fazerem questionamentos constantemente, pois para eles questionar é uma forma de se conectar. Demonstram impaciência em quase toda as situações, desenvolvem ideias e pensamentos com superficialidade. O *Dossiê Universo Jovem 4*, em suas considerações finais, afirma: “a informação está muito presente, mas de forma superficial, sem profundidade. Com a internet e a mídia, os jovens sabem falar sobre tudo, mas a maioria não consegue filtrar nem se aprofundar em nada”⁸⁸.

⁸⁴ Disponível em: http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie4_Mtv.pdf. Acesso em 17/01/2013, p. 15.

⁸⁵ Disponível em: http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie4_Mtv.pdf. Acesso em 17/01/2013, p. 11.

⁸⁶ ABRAMO; BRANCO, 2005, p. 60.

⁸⁷ Disponível em: http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie4_Mtv.pdf. Acesso em 17/01/2013, p. 18.

⁸⁸ Disponível em: http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie4_Mtv.pdf. Acesso em 17/01/2013, p. 64.

Os jovens da *Geração Y* buscam viver intensamente cada experiência, são transitórios e ambíguos em suas decisões e escolhas, possuem necessidade de constante reconhecimento, buscam intensamente a ampliação da rede de relacionamentos, optam por padrões informais e flexíveis, e buscam a individualidade como forma de expressão.

O individualismo é a consequência da superproteção e de um padrão de vida e consumo que favorece o individual, o *tailormade*, o feito para cada consumidor. A ideia do coletivo ficou de lado, o que prevalece é a vontade de cada um, a opinião de cada um. Pensar em quem está do lado é uma tarefa bastante incomum para esta geração⁸⁹.

Os principais atributos que os jovens usaram para descrever sua geração foram vaidade, consumismo e acomodação, de acordo com o citado *Dossiê Universo Jovem 4*. Estas mesmas informações foram obtidas na pesquisa anterior⁹⁰.

Para a *Geração Y*, o trabalho tem que ter valor, precisa ter significado e contribuir para a empresa, para o país, uma causa ou comunidade. Os jovens desta geração precisam ver sentido no que fazem. “A *Geração Y* tem uma paixão enorme por transformar o mundo em um lugar melhor”⁹¹. O fator mais importante para esta geração em um emprego é fazer a diferença, de acordo com a pesquisa do projeto *Arquivos da Geração Y*⁹². Para a *Geração Y* ter um trabalho significativo é uma necessidade e não apenas algo bom ou importante. Devido ao crescimento econômico que o país tem tido nos últimos anos, a preocupação da juventude universitária não é se haverá emprego ou não, mas que tipo de emprego terá e qual contribuição este trabalho poderá oferecer.

⁸⁹ Disponível em: http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie4_Mtv.pdf, Acesso em 17/01/2013, p. 64.

⁹⁰ Disponível em: http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie4_Mtv.pdf, Acesso em 17/01/2013, p. 14.

⁹¹ LANCASTER, Lynne C.; STILLMAN, David. *O Y da questão: como a Geração Y está transformando o mercado de trabalho*. São Paulo: Saraiva, 2011, p. 79.

⁹² LANCASTER; STILLMAN, 2011, p. 89-126.

2.5 A religiosidade do jovem universitário brasileiro

Baseado na teoria de desenvolvimento da fé de James Fowler, o jovem se apresenta na transição do terceiro para o quarto estágio, pois este se dá no final da adolescência e início da vida adulta, fase esta que compreende geralmente a etapa durante a qual o jovem está fazendo sua graduação. Para Fowler “o movimento do estágio 3 [fé sintético-convencional] para a fé individualizante-reflexiva do estágio 4 é particularmente crítico, pois é nessa transição que o adolescente ou adulto deve começar a assumir seriamente o encargo da responsabilidade por seus próprios compromissos, estilo de vida, crenças e atitudes”. Fowler continua afirmando que neste estágio a pessoa deve enfrentar certas tensões inevitáveis; a que chama atenção para o nosso estudo é a tensão entre a “auto realização como preocupação primária versus serviço em prol de outros e ser para outros”⁹³. No capítulo 3 iremos abordar com maior profundidade esta questão; por ora importa somente ressaltar que o jovem universitário vive nesta etapa de transição do estágio 3 para o estágio 4, e é nesta fase de estudos de formação superior que o jovem está se decidindo sobre sua participação na esfera religiosa. A questão aqui é verificar como o jovem pode vir a ser participante da *Missio Dei*, isto é, da missão de Deus.

Em uma pesquisa realizada pelo Instituto *Datafolha*, em maio de 2007, 97% dos brasileiros disseram acreditar totalmente na existência de Deus, 2% reconheceram ter dúvidas, e apenas 1% admitiu não acreditar na existência de Deus⁹⁴. Já no *Dossiê Universo Jovem 4*, pesquisa realizada pela MTV para conhecer os valores, atitudes e o comportamento do jovem brasileiro, 69% desses jovens disseram acreditar em Deus, aumentando a porcentagem da última pesquisa realizada pela mesma MTV que era de 63%⁹⁵. Já a pesquisa da UNESCO, “Juventude, Juventudes: o que une e o que separa” mostra que cerca de 96% dos jovens brasileiros possuem algum tipo de religião. Estes são dados significativos, especialmente considerando-se as teorias da

⁹³ FOWLER, James W. *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal, IEPG, 1992, p. 154.

⁹⁴ RIBEIRO, 2009, p. 101.

⁹⁵ Disponível em: http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie4_Mtv.pdf, Acesso em 09/01/2013, p. 11.

secularização que dominaram a filosofia e a teologia dos anos do pós-Segunda Guerra, especialmente na Europa e EUA. O que eles revelam e qual o seu significado na vida destes jovens ainda precisa ser mais estudado.

2.6 O jovem de acordo com o próprio jovem

A pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”⁹⁶, de amplitude temática e representatividade inédita em nosso país, iniciativa do Projeto Juventude/Instituto Cidadania, com a parceria do Instituto de Hospitalidade e do Sebrae, realizada entre novembro e dezembro de 2003, junto a 3501 jovens de 15 a 24 anos de ambos os sexos, de áreas rurais e urbanas de todo o território nacional, e de todos os segmentos sociais, nos ajuda a entender melhor quem é o jovem brasileiro dos dias atuais.

Falar do jovem brasileiro é falar de pessoas que enxergam potencial no fato de serem jovens. Eles entendem esta fase como uma fase boa de estar vivendo, pois devido ao fato de ainda não serem adultos não carregam tantas preocupações e responsabilidades. No caso do jovem universitário, ao poder estudar durante cerca de quatro anos ele tem essa fase legitimada pela sociedade. De acordo com esta pesquisa, os próprios jovens afirmam que a melhor coisa de ser jovem é não ter preocupações ou responsabilidades (45%), seguido de aproveitar a vida/viver com alegria com 40%, em resposta espontânea e múltipla. Apenas 1% afirma que não há nada de bom em ser jovem. Quando é perguntado sobre as piores coisas que podem acontecer por ser jovem, a resposta mais alta com 26% é não tem nada de ruim, seguido de conviver com riscos (23%), falta de trabalho/renda com 20% e drogas 17%, também respostas espontâneas e múltiplas. No *Dossiê MTV 4*, os jovens afirmam que o maior problema que veem entre eles são as drogas. Nesta

⁹⁶ Disponível em: http://www.fpabramo.org.br/uploads/perfil_juventude_brasileira.pdf. Acesso em 09/01/2013.

pesquisa, 61% dos jovens acima de 15 anos já experimentaram algum tipo de droga. Em Porto Alegre, esse índice sobe para 80%⁹⁷.

Voltando à pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”, os assuntos que mais interessam aos jovens, em resposta espontânea, foram: educação (18%) e trabalho/renda (17%), bem a frente de cultura e lazer (8%) e governo/política com 4%. O resultado mostra a importância da educação e do trabalho/renda para os jovens. De acordo com o *Dossiê MTV 4*, “os jovens sentem na pele a alta taxa de desemprego e são cientes dos principais fatores de sucesso no momento de concorrer no mercado: ter boa formação educacional (73%), ter cursos de especialização, pós/MBA (46%) e estar bem informado (40%)”⁹⁸. Também este dado mostra o descompromisso ou a falta de confiança com governo/política. Em “Juventude – o que une ou separa”, percebe-se que,

existe uma forte descrença entre os jovens em relação às instituições políticas tradicionais. Sobre a confiança nas instituições políticas, verifica-se que 84,6% declararam não confiar nos partidos políticos; 76,7% afirmaram não confiar no governo; 82% não confiar no Congresso Nacional e 79,9% não confiar nas Assembleias Legislativas e Câmaras de Vereadores⁹⁹.

O documento do Banco Mundial, no seu relatório sobre o desenvolvimento mundial de 2007, o desenvolvimento e a próxima geração afirma que os jovens de hoje não se interessam tanto por política¹⁰⁰. Porém, para Helena Abramo, os jovens de hoje não são menos politizados do que os de antigamente. Ocorre que a participação da juventude de hoje é diferente. A própria continuação do documento do Banco Mundial concorda que vem crescendo outro tipo de participação, como em ativismo ecológico e em protestos. Mas, chama a atenção que esta participação social tem se dado mais entre os jovens da periferia do que entre os universitários da classe média¹⁰¹. Existe uma apatia da juventude em relação às instituições políticas, mas tem surgido uma nova forma de articulação das juventudes e na maneira

⁹⁷ Disponível em: http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie4_Mtv.pdf. Acesso em 17/01/2013, p. 13.

⁹⁸ Disponível em: http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie4_Mtv.pdf. Acesso em 17/01/2013, p. 12.

⁹⁹ ABRAMOVAY; CASTRO, 2006, p. 312.

¹⁰⁰ CASTRO, ABRAMOVAY, LEON, 2007, p. 134.

¹⁰¹ DICK, 2003, p. 255.

de como estes jovens se posicionam na sociedade. As novas tecnologias e ferramentas de comunicação, sobretudo a internet, ampliam a forma de o jovem tornar-se um agente político na sociedade.

Os problemas que mais preocupam os jovens são, pela ordem de importância, desemprego (52%), segurança e violência (48%), fome e miséria (36%), e drogas (13%) em respostas espontâneas, podendo ser escolhidas um total de 3 menções¹⁰². Como já foi abordado anteriormente, em relação aos universitários, a questão não é se haverá emprego, mas que tipo de emprego terá.

Na pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” foi perguntado ao jovem: “dos seguintes temas ou assuntos, quais os três que você mais gostaria de discutir com seus amigos(as)?”. Relacionamentos amorosos e violência foram os mais altos com 51% e 50% respectivamente. Religião teve 24% das respostas. Mas, significativamente, ao ser perguntado: “dos seguintes temas ou assuntos, quais os três que você mais gostaria de discutir com seus pais ou responsáveis?”, a religião aparece com 43% das respostas. Percebe-se que há um desejo dos filhos de conversarem com seus pais a respeito de religião, ainda que o tema emerja de forma difusa e sem especificações. Em “Juventude – o que une ou separa”, a religião é um dos temas mais conversados pelos jovens com seus pais¹⁰³. Na pesquisa entre universitários “a referência à família, de longe a mais usada, teve confirmação de sua importância para nossos universitários”¹⁰⁴. Depois da família, são os amigos que representam as questões mais importantes para os universitários, a frente da universidade e do trabalho¹⁰⁵. “Mais que em outras fases, é na juventude que a sociabilidade entre amigos se manifesta. Também em nossos universitários ela se verifica: depois da família, a amizade é a realidade mais importante para eles”¹⁰⁶. Percebe-se que o povo brasileiro é um povo com características relacionais. No *Dossiê MTV 5*, afirma-se que os amigos são formadores de opinião muito

¹⁰² ABRAMO; BRANCO, 2005, p. 384.

¹⁰³ ABRAMOVAY; CASTRO, 2006, p.20.

¹⁰⁴ RIBEIRO, 2009, p.179.

¹⁰⁵ RIBEIRO, 2009, p.147.

¹⁰⁶ RIBEIRO, 2009, p.184.

importantes, talvez até os mais importantes¹⁰⁷, e que a *Geração Y* está aberta para conversar sobre qualquer tipo de assunto, seja dinheiro, sexo, política ou drogas. Esta é uma abertura que precisa ser aproveitada por quem deseja trabalhar com e acompanhar a juventude atual.

Em relação à participação em grupos de jovens, apenas 15% participam e 85% não participam. Dos que participam, os grupos da igreja são os mais frequentados¹⁰⁸. Na pesquisa da UNESCO, 13 milhões de jovens participam ou já participaram de organizações sociais (27,3% da juventude brasileira). Destes, cerca de 10 milhões já fizeram ou fazem parte de grupos de cunho religioso (81,1%). Opções como de caráter esportivo, cultural, artístico e assistencial, juntas, somaram 23,6%. As de caráter corporativo, como organizações trabalhista e estudantil somaram 18,7% e as de cunho partidário, apenas 3,3%¹⁰⁹. Isto mostra que o percentual dos que já fizeram parte ou fazem parte de grupos de cunho religioso é muito maior do que as outras opções. Os grupos religiosos podem servir como importantes instrumentos de envolvimento dos jovens nas lutas por transformações sociais. “A participação em grupos religiosos, portanto, pode ser analisada como um importante vetor para a construção de identidades juvenis, representando espaço importante de agregação social nessa fase de vida”¹¹⁰. Verificando a relação entre participação em organizações sociais e grau de instrução, percebe-se que dos 27,3% da juventude brasileira que afirma participar de organizações sociais, a porcentagem mais alta com 39,8% são dos jovens que tem o ensino superior. Aqueles com mais alto nível de escolaridade tendem a participar mais das organizações sociais¹¹¹.

Quando se perguntou: “O que você mais gosta de fazer no seu tempo livre, mesmo que você só faça de vez em quando?”, chamou a atenção o fato de “ir à missa/igreja/culto” ser a resposta mais alta junto com “ir à praia” e “ir

¹⁰⁷ Disponível em: http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie5_Mtv.pdf. Acesso em 17/01/2013, p. 76.

¹⁰⁸ ABRAMO; BRANCO, 2005, p. 400.

¹⁰⁹ FONSECA, Alexandre Brasil e NOVAES, Regina. *Juventudes Brasileiras, Religiões e Religiosidade*: uma primeira aproximação. In: ABRAMOVAY, Miriam. ANDRADE, Eliane Ribeiro. ESTEVES, Luiz Carlos Gil. (orgs.). *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2007, p.90.

¹¹⁰ FONSECA, NOVAES, p. 147.

¹¹¹ FONSECA, NOVAES, p. 93.

dançar/baile”, ficando a frente de “ir ao shopping” (16%) ou “ir a festa na casa de amigos” (15%)¹¹². Percebe-se que o jovem gosta de participar das atividades no templo. Cabe às instituições proporcionarem a este jovem uma programação que o atraia. De acordo com Jorge Claudio Ribeiro,

uma motivação para os jovens aderirem a alguma igreja é a intensa necessidade de sociabilidade que estimula rapazes e moças da mesma religião a formar grupos, participar juntos de cultos e de lazer. Neste ambiente, a música é elemento importante na experiência religiosa, atraindo os jovens para shows e cultos evangélicos¹¹³.

Na entrevista foi perguntado ao jovem: “Já pensou em fazer algum trabalho social ou montar negócio no bairro, que fosse bom para a comunidade?”. 68% disseram que nunca pensaram, 10% pensaram, mas desistiram, 20% ainda querem fazer e 2% já estão fazendo. Quando foi perguntado sobre o tipo de trabalho que gostariam de fazer, o trabalho social foi o que mais se destacou¹¹⁴. Sabemos que o mundo padece de muitos problemas sociais como desemprego, violência, miséria e fome, uso de drogas, e tantos outros. Porém, somente 2% afirmam que já estão fazendo algo, enquanto surpreendentemente 98% entendem que ainda não estão fazendo algo para ajudar na mudança desta realidade. Ao mesmo tempo, quando se perguntou ao jovem se ele acha que os jovens podem mudar o mundo ou não podem, 84% afirmaram que podem, sendo que 57% afirmam que podem mudar muito e 27% podem mudar pouco. De acordo com o próprio jovem, eles pensam que podem mudar o mundo, mas suas práticas não condizem com aquilo em que acreditam. Há um hiato muito grande entre aquilo que se diz e se pensa a respeito daquilo que exatamente estão fazendo.

Na pesquisa entre universitários, ao comparar os grupos com religião e os sem-religião chama a atenção o fato que o segmento dos sem-religião “está mais disposto a se engajar numa causa social, humanitária e política e se diz bem mais indignado ante a maldade e pobreza, que os induzem a duvidar da

¹¹² ABRAMO; BRANCO, 2005, p. 418.

¹¹³ RIBEIRO, 2009, p. 128.

¹¹⁴ ABRAMO; BRANCO, 2005, p. 397.

existência de Deus”¹¹⁵. É possível supor que os “sem-religião estivessem dispostos a se engajar na luta por transformações sociais ou por buscarem algum tipo de recompensa, mas estes não se mostram convencidos de que haverá uma recompensa para as boas ações”¹¹⁶. Da mesma forma ao comparar o grupo dos com-Deus e sem-Deus, o segundo grupo também “mostra-se mais disposto a se engajar numa causa social mesmo que a fé não as motive a tanto”¹¹⁷.

Ainda em relação à religiosidade do jovem brasileiro é possível verificar algumas tendências.

Podemos identificar o entrelaçamento de três tendências que se fazem presentes na experiência desta geração, a saber: a) forte disposição para o trânsito religioso e para novas combinações sincréticas; b) diminuição da transferência religiosa intergeracional e ênfase na escolha individual (seja para declarar-se ateu ou agnóstico; seja para mudar de religião e seja, até, para permanecer na religião dos pais); c) ampliação das possibilidades para o desenvolvimento da religiosidade sem vínculos institucionais¹¹⁸.

No ambiente universitário, percebe-se que os jovens evangélicos estão abandonando suas igrejas de origem, aderindo a movimentos estudantis como Movimento Estudantil Alfa e Ômega ou Aliança Bíblica Universitária, movimentos esses que se propõem a uma busca da religiosidade e propagação da fé em Cristo, ou mesmo desfilando-se de suas igrejas de origem, mas continuando seu desenvolvimento religioso sem os vínculos institucionais.

Uma das características do jovem evangélico é a adesão exclusiva a sua pertença religiosa. Regina Novaes ao analisar os jovens evangélicos afirma:

frequentando assiduamente suas igrejas, os “crentes” ou “evangélicos” – como se autodenominam e são denominados atualmente –, reafirmam seu pertencimento à “comunidade de irmãos”. Estes últimos aspectos refletem na adesão e na influência o que o “ser evangélico”,

¹¹⁵ RIBEIRO, 2009, p. 160.

¹¹⁶ RIBEIRO, 2009, p. 160.

¹¹⁷ RIBEIRO, 2009, p. 161.

¹¹⁸ TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. (Org.). *As religiões no Brasil. Continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 145.

sobretudo pentecostal, tem para os jovens. Na pesquisa “Perfil da juventude brasileira”, 100% dos jovens evangélicos – pentecostais e não pentecostais – afirmam só frequentar atos religiosos de sua própria religião¹¹⁹.

Mas, a igreja evangélica brasileira tem sido caracterizada por uma religiosidade emocional e espetacular marcada pela lógica do mercado alavancada pelo uso massivo da mídia. “Ivone Gebara deplora essa pseudoreligião do mercado e da mídia cuja principal lógica não é a compaixão e a justiça, mas a catarse”¹²⁰.

Em síntese, a análise das pesquisas disponíveis parece apontar para o seguinte: não há dúvidas de que o jovem universitário esteja sendo envolvido por essa cultura religiosa, apesar de todo o seu preparo intelectual e da diversidade de alternativas que se lhe apresentam. Mas o que esta tendência significa em termos teológicos e de vivência da fé, sobretudo da fé cristã, ainda é algo a ser mais bem compreendido. Este perfil da juventude brasileira nos ajudará a compreendermos a participação do jovem universitário evangélico na *missio Dei* e a propagação do Evangelho para a transformação da sociedade.

¹¹⁹ NOVAES, 2006, p. 146.

¹²⁰ RIBEIRO, 2009, p. 83.

Capítulo 3 - A PARTICIPAÇÃO DO UNIVERSITÁRIO NA MISSÃO DE DEUS

A pergunta central nesta pesquisa é: como o universitário evangélico brasileiro pode ajudar no cumprimento da missão de Deus? Entendemos que a propagação do Evangelho é fundamental para a transformação da sociedade. Através da pregação do Evangelho a *missio Dei* vai se realizando. Esta pregação, como abordado no primeiro capítulo, significa uma pregação através de palavras e obras, atos, ações concretas. No segundo capítulo, vimos as características do jovem universitário brasileiro. Compreendemos que em alguns momentos essas características favorecem a participação deste jovem universitário evangélico na missão de Deus e, em outros, causa dificuldades. Neste capítulo vamos nos deter no tipo de participação que o universitário evangélico vem assumindo na missão de Deus e procurar olhar para o futuro, entendendo como deve se dar essa participação e quais são as perspectivas da juventude universitária evangélica.

3.1 O universitário como agente de transformação da sociedade

A sociedade está sempre em constante transformação e estas mudanças podem ser positivas ou negativas. Portanto, é preciso esclarecer o que queremos dizer com transformação da sociedade, pois não é uma simples transformação que desejamos, tampouco uma transformação para pior.

Todos desejamos viver em uma sociedade melhor, mais justa, menos desigual, mais humana, com boa educação, segurança, saúde, lazer, resumindo, onde todos possam ter uma vida digna. Quando Jesus inaugurou o Reino de Deus muitas mudanças começaram a acontecer. Pessoas foram alimentadas, libertas de culpas e temores, curadas de suas doenças, relacionamentos desfeitos foram restaurados, os pobres tiveram voz e participação na sociedade, os que estavam à margem da sociedade foram incluídos, pois no Reino de Deus “não há diferença entre grego e judeu,

circunciso e incircunciso, bárbaro e cita, escravo e livre, mas Cristo é tudo e está em todos” (Colossenses 3.11). No Reino de Deus todos começam a viver uma vida digna, pois Jesus veio exatamente para dar vida e vida em abundância (João 10.10).

Quando olhamos para a sociedade brasileira percebemos claramente que muitos não vivem dignamente. A realidade do Reino de Deus não é experimentada pela grande maioria da população. Por isso, há a necessidade de se trabalhar na transformação desta sociedade. A transformação que abordamos aqui é a de lutar por uma sociedade mais justa, humana e solidária.

No livro dos Atos dos Apóstolos, Lucas relata o início da era cristã e mostra que a descida do Espírito Santo sobre aqueles que acreditaram na ressurreição de Jesus fez com que estes vivenciassem uma experiência de vida mais justa e solidária. Em Atos 4.32-35 Lucas registra:

Da multidão dos que creram, uma era a mente e um o coração. Ninguém considerava unicamente sua coisa alguma que possuísse, mas compartilhavam tudo o que tinham. Com grande poder os apóstolos continuavam a testemunhar da ressurreição do Senhor Jesus, e grandiosa graça estava sobre todos eles. Não havia pessoas necessitadas entre eles, pois os que possuíam terras ou casas as vendiam, traziam o dinheiro da venda e o colocavam aos pés dos apóstolos, que o distribuíam segundo a necessidade de cada um.

Jung Mo Sung afirma que este texto tem inspirado as pessoas que, em nome da fé cristã, têm lutado por uma sociedade mais justa e solidária. Ele escreve que

a multidão mudou a sua maneira de ver o mundo e de viver porque creu na ressurreição daquele que morreu na cruz por pregar a boa nova aos pobres. Sem a fé na ressurreição, não haveria sentido nem força espiritual para vencer o egoísmo e o desejo de acumulação pessoal, para viver a vida da comunidade, partilhando para que todos pudessem ter uma vida digna, sem passar necessidades¹²¹.

¹²¹ MO SUNG, Jung. *Cristianismo de libertação*. Espiritualidade e luta social. São Paulo: Paulus, 2008, p. 75.

Não queremos afirmar aqui que somente os cristãos, muito menos somente os evangélicos, são os responsáveis ou os únicos agentes de transformação da sociedade. Tampouco, temos uma visão simplista de que a conversão da mente e dos corações dos cristãos faz com que essa transformação aconteça automaticamente, pois sabemos do paradoxo da nossa humanidade. Como afirma John Stott, “somos ao mesmo tempo nobres e ignóbeis, racionais e irracionais, morais e imorais, criativos e destrutivos, amorosos e egoístas, parecidos com Deus e bestiais”¹²², e isso vale tanto para cristãos como para não cristãos, religiosos ou não religiosos. Mas, como vimos acima, o seguimento a Jesus nos torna pessoas melhores, conscientes de seus pecados, mas libertas para agir por fé e amor, o que nos leva a uma preocupação muito maior com o próximo do que conosco mesmos. Stott afirma a esse respeito:

a ordem de Deus é que o coloquemos em primeiro lugar, nosso próximo logo em seguida e o eu por último. O pecado é precisamente o reverso da ordem – eu primeiro, o próximo, o seguinte (quando isso me convém) e Deus em algum lugar (se é que em algum lugar), num cenário bem distante¹²³.

René Padilla, importante teólogo latino-americano, afirma que “a salvação é o retorno do homem a Deus, mas é também o retorno do homem a seu próximo”¹²⁴. Ou, como afirma Jung Mo Sung,

a fé em Deus é uma aposta que nasce a partir de uma experiência espiritual e nos dá um sentido último para as nossas vidas. Até as coisas pequenas da vida adquirem um sentido mais profundo a partir da fé. Por isso ela é tão importante e marcante na vida de uma pessoa que crê¹²⁵.

¹²² STOTT, John. *Por que sou cristão?* Viçosa: Ultimato, 2004, p. 83.

¹²³ STOTT, 2004, p. 94.

¹²⁴ PADILLA, René C. *Missão integral: ensaios sobre o Reino e a igreja*. São Paulo: FTL-B e Temática Publicações, 1992, p. 32.

¹²⁵ MO SUNG, 2008, p. 93.

Desta forma entendemos que a pessoa que coloca sua fé na morte e na ressurreição de Jesus deve ter uma maior participação na transformação da sociedade.

3.2 O universitário cristão evangélico e a participação na missão de Deus

O universitário evangélico é aquele que está envolvido na missão de Deus por ter passado pelo processo de conversão. No encontro com Cristo, houve arrependimento e fé. Para Paul Tilich, “fé é estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente”¹²⁶. É deste tipo de fé que o universitário evangélico precisa para poder participar de maneira mais efetiva na missão de Deus. A fé como aquilo que o toca incondicionalmente é o fundamento e a capacitação para que ele atue como agente de transformação da sociedade. Somente esta fé é capaz de fazê-lo assumir seriamente sua responsabilidade como cristão e começar a atuar de maneira mais enganjada na *missio Dei*. Justamente porque a fé diz respeito tanto ao passado (do qual Cristo nos liberta) quanto ao futuro (caminhamos por fé em direção ao Reino de Deus e sua justiça – 2 Pedro 3.13).

Lembrando da teoria de James Fowler, o universitário se encontra na transição da fé sintético-convencional para a fé individuativo-reflexiva, onde a tensão entre sua autorealização como preocupação primária e o serviço em prol de outros acontece de maneira mais significativa. Estar possuído por aquilo que o toca incondicionalmente faz com que o universitário encare esta tensão de maneira sadia e se envolva prioritariamente na pregação do Evangelho, tornando-se um agente na transformação da sociedade, servindo ao outro através da pregação e da vivência em prol de vida digna.

¹²⁶ TILLICH, Paul. *Dinâmica da fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1974, p. 5.

3.2.1 A importância dos movimentos estudantis no contexto da evangelização nas universidades

Os movimentos estudantis já citados, tais como o Movimento Estudantil Alfa e Ômega ou a Aliança Bíblica Universitária, que se propõem a propagarem a fé em Cristo pelos universitários e para os universitários, têm contribuído para o fortalecimento da fé destes jovens evangélicos e, conseqüentemente, têm favorecido o engajamento destes na *missio Dei*. Como vimos no capítulo anterior, os universitários são os que mais participam de organizações sociais e os grupos religiosos são ou podem vir a ser importantes instrumentos de envolvimento dos jovens nas lutas por transformações sociais

Os evangélicos, mais do que qualquer outro grupo religioso, valorizam sua adesão religiosa frequentando atos religiosos somente de sua própria igreja. Em certo sentido, eles são mais fieis às suas comunidades de fé do que outros. Não obstante, observou-se que ir à missa/igreja/culto é o que o jovem mais gosta de fazer em seu tempo livre. Porém, apesar dos grupos da igreja serem os mais frequentados entre os jovens, as igrejas evangélicas não têm conseguido preparar seus membros para a vivência universitária, e verifica-se que muitos deles têm se afastado da fé cristã em seus anos de estudos na universidade¹²⁷.

Por estes motivos, percebe-se a enorme importância desses movimentos estudantis que atuam dentro das universidades públicas e privadas de nosso país ao contribuírem na formação da mente e coração desses estudantes e despertando o envolvimento deles na evangelização. León afirma que “não devemos esperar crescer em Cristo para começar a evangelizar. A melhor maneira de crescer em nossa vida cristã é ajudando os outros a crescer”¹²⁸. Isso vale para a atuação dos universitários evangélicos na *missio Dei*.

¹²⁷ Disponível em: <http://www.pulpitocristao.com/2013/01/por-que-os-jovens-evangelicos-estao-se-desviando-na-universidade>. Acesso em 15/02/2013.

¹²⁸ LÉON, JORGE A. *A caminho de uma evangelização restauradora*. São Leopoldo: Sinodal, 2010, p. 36.

Ao mesmo tempo, vale ressaltar a importância das igrejas locais na permanência deste jovem em sua participação na *missio Dei*. Os jovens evangélicos ao aderirem a esses movimentos estudantis não podem desvincular-se de suas igrejas de origens ou deixar de frequentar uma igreja local. A participação na *missio Dei* é para a vida toda e é necessário haver parceria entre as igrejas locais e os movimentos estudantis. As igrejas locais devem incentivar seus jovens universitários a participarem dos movimentos estudantis dentro das universidades, e os movimentos estudantis devem incentivar e ensinar a importância da igreja local para a vivência deste jovem e sua participação na *missio Dei*. Isto em termos de princípio. Resta saber como esta relação – por vezes difícil e tensa entre jovem e igreja local – se dá na realidade das nossas igrejas.

Este é alerta de Jonathan Menezes ao falar sobre missão no contexto estudantil: o desafio de servir a Deus no campus.

A missão ou igreja que não vê a importância estratégica de levar o evangelho à universidade carece de sentido prático; todavia a que não demonstra interesse algum em comunicar a mensagem de vida aos estudantes, ou pelo menos a apoiar decididamente àqueles que se dedicam a comunicá-lo, carece de verdadeira (e como tal, bíblica) visão missionária¹²⁹.

A fé como aquilo que toca incondicionalmente é fortalecida na medida em que estes jovens universitários evangélicos entram nestes movimentos e começam frequentemente a evangelizar seus próprios colegas de turma. “A fé, enfim, significa resposta pessoal à Palavra revelada que pede adesão, conversão e atuar segundo suas exigências”¹³⁰. Ao evangelizarem colegas, estes jovens estão abrindo mão de sua autorealização e buscando servir aos outros. A transição da fé sintético-convencional para a fé individuativo-reflexiva é bem trabalhada nos participantes destes movimentos. Essas experiências de

¹²⁹ MENEZES, Jonathan. Missão no contexto estudantil: o desafio de servir a Deus no campus, in KOHL, Manfred Waldemar; BARRO, Antonio Carlos. *Missão integral transformadora*. Londrina: Descoberta, 2005. P. 227.

¹³⁰ LIBANIO, J. B. *Para onde vai a juventude?* São Paulo: Paulus, 2011, p. 188.

envolvimento na *missio Dei*, enquanto universitários, contribuem para que alguns deles sirvam pelo restante de suas vidas ou durante alguns anos como missionários destes movimentos. Quase a totalidade dos missionários que atuam hoje de tempo integral nestes movimentos foram estudantes envolvidos durante sua época de formação universitária. Estes levaram ao extremo o envolvimento na *missio Dei* dedicando-se exclusivamente ao anúncio do Evangelho, renunciando a melhores salários em outras profissões que poderiam conseguir facilmente com a qualificada formação adquirida na universidade. Isso é uma grande mudança de comportamento, pois como afirma Menezes,

fato inegável é que a inserção cristã no contexto estudantil – enquanto estratégia evangelística, como oportunidade de transformar vidas e relacionamentos, discipular pessoas e direcionar vocações e talentos para o serviço do Reino de Deus no mundo – aparece como uma tarefa secundária e até terciária para a maioria dos estudantes que ali ingressam¹³¹.

Infelizmente, para Menezes, os estudantes estão prioritariamente preocupados em ter desempenho louvável e excelência na vida acadêmica enquanto a pregação do Evangelho e a participação na *missio Dei* é deixada de lado. Menezes faz um breve relato histórico mostrando como estudantes universitários participaram na *missio Dei*. João Wycliffe, João Huss, Lutero, Calvino, Zinzendorf, Charles e John Wesley em seu famoso “clube santo”, são exemplos de universitários que participaram da *missio Dei* e causaram grandes transformações na sociedade. A própria Reforma Protestante nasce no contexto de labor estudantil, embora estudar no século XVI numa universidade fosse algo muito diferente do que acontece hoje em dia nas sociedades democráticas¹³².

Para a grande maioria dos estudantes que não entram como missionários de dedicação exclusiva nestes movimentos, a vida também não segue da mesma forma, pois continuam entendendo que devem usar suas

¹³¹ KOHL; BARRO, 2005, p. 227.

¹³² KOHL; BARRO, 2005, p. 231.

habilidades e conhecimentos adquiridos durante sua formação universitária na participação da *missio Dei*. Estes universitários geralmente possuem excelente qualificação, o que os destaca no seu meio. Como representantes da Geração Y, receberam inúmeros estímulos, educação e informação dos pais mais do que qualquer outra geração já havia recebido. E esta geração procura um trabalho que tenha valor, que tenha significado para o país, por uma causa relevante ou para a comunidade. Estes jovens podem e devem ver seus empregos como importantes instrumentos para a participação na missão de Deus usando a grande qualificação que possuem. Como afirmamos no primeiro capítulo, não pode haver uma dicotomia entre os crentes comuns e os missionários, pois todas as pessoas da comunidade cristã são chamadas a participar da missão de Deus. Ser cristão é ser missionário. Ser cristão é participar da missão de Deus no mundo, seja em que lugar esta pessoa venha a viver, trabalhar, constituir família, realizar sua vocação profissional. E esta característica cristã é testada a cada momento e em cada circunstância histórica. Só para um exercício de imaginação, seria interessante descobrir em movimentos de juventude atuais qual é a participação de jovens cristãos, seja em questões políticas, de luta pela preservação ambiental ou por direitos sociais ou de minorias. A pergunta é como *nos movimentos* estes jovens dão seu testemunho de forma explícita e com credibilidade.

Essa vontade por transformar o mundo em um lugar melhor e a necessidade de se ter um emprego que tenha um significado maior do que apenas conseguir um bom salário, é uma importante característica desta juventude para envolvê-los na missão de Deus durante toda a sua existência. Esse movimentos estudantis entendem que todos os cristãos são chamados a se envolverem integralmente com a missão de Deus e não somente os missionários, por isso e também por trabalharem com futuros líderes de nosso país, podem causar um impacto poderoso em nossa sociedade¹³³.

¹³³ O atual ministro da Saúde, Alexandre Padilha é filho de Anivaldo Padilha, metodista perseguido pela Ditadura Militar e exilado do país por muitos anos. O ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência é Gilberto Carvalho que chegou a estudar alguns anos de Teologia e é oriundo da pastoral operária católica. Ele mantém em seu gabinete no Planalto a foto do padre Alfredinho, um homem de fé que dedicou a vida pelos pobres no Nordeste, em especial junto às prostitutas – Carvalho traduziu em sua

3.2.2 A participação na *missio Dei* como prioridade

Sabe-se que a rotina de um universitário é bastante intensa. Tantas atividades como aulas, estágios, iniciação científica, dentre outras coisas, fazem com que o universitário evangélico acabe não priorizando muitas vezes sua participação na *missio Dei*. Porém, apesar das inúmeras tarefas realizadas pelo universitário, o que determina seu tempo é a sua prioridade. Libânio fala sobre a necessidade de uma pedagogia do tempo. Para ele, o primeiro princípio desta pedagogia é que “não existe falta de tempo. Trata-se de prioridade. Para as realidades a que atribuímos importância, temos tempo. À medida que a deslocamos para grau de menor relevância, então o tempo disponível não alcança”¹³⁴. Ser cristão é estar envolvido na missão de Deus. Não se pode fugir de tamanha responsabilidade apelando para falta de tempo. Por isso, a necessidade do universitário evangélico vivenciar e alimentar a fé compreendida como aquilo que o toca incondicionalmente. Esta fé o levará a priorizar sua participação na *missio Dei*.

3.3 As características dos jovens e sua relação com a participação na *missio Dei*

Também, é preciso lembrar que uma importante característica desta juventude Geração Y é sua capacidade de realizar várias tarefas ao mesmo tempo. Ser multitarefa é uma característica desta geração que ajuda o jovem a lidar bem com a questão do tempo. Estes jovens gostam de estar envolvidos

juventude (no tempo em que estudou num seminário) o livrinho de Alfredinho chamado “A burrinha de Balaão”. O ministro da Pesca e Aquicultura é Marcelo Crivela, ex-bispo da Universal e que tem tido grande influência em certas instâncias do governo Dilma. Estes assumiram altas responsabilidades no governo e perante a sociedade e seria interessante saber se esses ministros guardaram em sua memória pessoal e em sua vida pública aquilo que aprenderam em sua vida comunitária e de fé, de tal forma que estas se façam notórias na sua ação como servidor público da mais alta responsabilidade. Lembro ainda do ex-Presidente do INCRA, Rolf Hackbarth, luterano da IECLB, ligado ao Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor e à Pastoral Popular Luterana (informações de Roberto E. Zwetsch, por carta pessoal).

¹³⁴ LIBÂNIO, 2011, p. 172.

em muitas atividades, eles são multitarefas. Desde cedo aprenderam a estar ocupados durante todo o dia com muitas atividades ao mesmo tempo. Ser multitarefa ajuda o universitário no seu envolvimento na *missio Dei* e o leva a entender que é exatamente participando das situações do cotidiano que se pode exercer influência na sociedade.

3.3.1 Jovens tecnológicos

Esta geração também possui um perfil de jovens altamente tecnológicos. Esta talvez seja a principal característica que pode em muito contribuir para uma significativa participação do jovem universitário evangélico na *missio Dei*. Todo universitário acessa frequentemente a internet, possui uma conta de e-mail, e é quase impossível encontrar um estudante que não tenha uma conta no facebook. A tecnologia encurtou as distâncias e diminuiu o tempo, fazendo com que o jovem consiga mobilizar milhares de pessoas sem nenhuma repressão através da internet.

Porém, existe uma discussão se realmente a internet possibilita a participação da juventude nas questões políticas. Os que não acreditam que esta participação da juventude por meio da internet seja eficaz afirmam que esse ativismo virtual é preguiçoso e negligente. Pedro Abramovay discorda:

a política pela internet é menos política? Claro que não. As pessoas passam um tempo na rede tão grande, no Brasil mais do que em outros países, que dizer que ela não é um espaço válido para fazer política desvaloriza parte da vida delas. A internet transformou a cultura e a economia e está transformando a política¹³⁵.

Um importante e atual exemplo a se destacar foi a mobilização dos jovens no final de 2010 até o ano de 2012 pela internet que ficou conhecido como *Primavera Árabe*, um movimento de protestos contra os ditadores do

¹³⁵ Ativismo na internet. Disponível em <http://oglobo.globo.com/tecnologia/ong-que-turbinou-fora-renan-desperta-discussao-sobre-ativismo-na-internet>. Acesso em: 03/03/2013.

mundo árabe iniciado e organizado pela juventude através da internet. Ocorreram revoluções na Tunísia e no Egito, grandes protestos na Argélia, Bahrein, Djibuti, Iraque, Jordânia, Omã e Lémen, além de outros protestos menores no Kuwait, Líbano, Mauritânia, Marrocos, Arábia Saudita, Sudão e Saara Ocidental. As grandes passeatas, comícios, greves e manifestações foram ganhando força através da internet, por meio da qual a juventude sensibilizou a muitos usando as mídias sociais, como facebook, youtube, e twitter.

No momento atual, no Brasil, uma campanha iniciada na internet pela renúncia do presidente do Senado, Renan Calheiros, conseguiu mais de 1,6 milhões de assinaturas pedindo a saída do senador e promoveu manifestações em várias cidades brasileiras. Essa iniciativa ganhou os noticiários e viu crescer as manifestações. Ainda que essa mobilização não tenha conseguido tirar o senador da presidência, pelo menos gerou algumas medidas de redução de gastos da Casa Legislativa e aumentou a transparência nos gastos do Senado.

Já existe hoje até *sites* especializados para promover campanhas.¹³⁶ Sites de mobilização *online* que procuram levar as preocupações da sociedade civil para a política global. Nestes *sites* é possível criar uma petição e espalhar seu protesto através das redes sociais.

Assim como a juventude no Brasil e em outras partes do mundo tem se utilizado da internet para protestar contra as injustiças na sociedade, os cristãos universitários evangélicos devem fazer o uso da internet na propagação do Evangelho participando de maneira mais relevante e contextualizada na *missio Dei*. Porém, cabe o alerta de Libânio quando diz que “o princípio hedonista, predominante na atual sociedade, rege o uso da internet”¹³⁷. A internet é uma ótima ferramenta que pode e deve ser usada na *missio Dei*, mas esta por si só não fará bem algum se não for utilizada criteriosamente, além do fato de que não pode ser a única forma de participação.

¹³⁶ Veja www.avaaz.org.

¹³⁷ LIBÂNIO, 2011, p. 134.

3.3.2 Jovens colaborativos

Mais do que qualquer outra, a Geração Y é altamente colaborativa. O fato de serem colaborativos, não se preocupando com hierarquias, faz com os jovens possam se aliar por causas comuns sem necessidade de lideranças. “Esta é uma geração que gosta de aprender com os mais velhos e de ser orientada por eles”¹³⁸. Para estes jovens o importante é dar a sua contribuição. Importa para eles perceberem que o que fazem contribui de alguma maneira na transformação da sociedade. Seja qual for a colaboração, este jovem precisa sentir que sua atuação está tendo significado. Os jovens desta geração precisam ver sentido no que estão fazendo. Para perceberem isso faz-se necessário para aqueles que atuam com essa geração enfatizarem sempre a importância da colaboração deles, pois é característica dessa juventude a necessidade de constante reconhecimento.

Os jovens precisam receber *feedbacks* constantes para continuarem motivados e engajados na *missio Dei*. A falta de *feedback* por parte daqueles que trabalham com essa juventude leva os jovens a não sentirem e não perceberem que seus esforços ou contribuições são significativos, e com isso, esses jovens acabam se distanciando e indo participar de alguma outra atividade ou causa para se sentirem úteis. Como vimos no segundo capítulo, ter um trabalho significativo é uma necessidade para a Geração Y, e não apenas algo bom ou importante. Um simples *feedback* dos mais velhos faz com que a força desta juventude seja canalizada para a participação da *missio Dei*.

3.3.3 Jovens imediatistas: a fruição do presente

Na pós-modernidade o que vale é o presente. Pesa sobre esta geração o fato de serem imediatistas: a ênfase está em se viver o presente buscando

¹³⁸ LANCASTER; STILLMAN, 2011, p. 239.

experimentar o momento. Em uma pesquisa feita por Leomar Antônio Brustolin com jovens universitários, o autor afirma que “é na juventude que se pode constatar de modo mais claro a extrema preocupação com a realização imediata, com a felicidade e o prazer a qualquer custo, não tanto como uma busca e uma construção, mas como uma conquista do momento”¹³⁹. Ao analisar as respostas dadas pelos entrevistados, o autor chega à conclusão que raras são as referências a algo a ser buscado a longo prazo.

Essa fruição do presente, sem olhar para o passado ou o futuro, leva a uma dissolução da ética. Pela vivência intensa do presente busca-se anular o tempo, com isso, “predomina a dificuldade de aceitar a responsabilidade que a vida adulta lhes impõe. Eles evitam, o máximo que podem, assumir compromissos vinculantes”¹⁴⁰. São transitórios e ambíguos, não levando adiante suas decisões, tendo muitas dificuldades com projetos de longo prazo, acomodando-se com facilidade, e a *missio Dei* é algo para ser vivido durante toda a vida. Os próprios jovens afirmam que a acomodação é uma das características de sua geração. Mas, ainda de acordo com Libânio, “o ser humano, por mais acomodado que esteja, possui orientação para a Transcendência. A ela se prendem os idealismos. E na idade jovem tal dinamismo se acentua”¹⁴¹.

3.4 Juventude e a importância da família na missão de Deus

A dificuldade de aceitar as responsabilidades se acentua com a demora que estes jovens têm para buscarem a independência de suas famílias de origem ao não deixarem a casa dos pais. “Prezam a liberdade e a autonomia, mas permanecem dentro de casa... Dependência utilitarista, financeira. Pura comodidade... Nasceram jovens sem responsabilidade em face de qualquer

¹³⁹ BRUSTOLIN, Leomar Antônio. *O futuro em questão: a esperança entre os jovens universitários*. Anais do Congresso da SOTER – Sociedade de Teologia e Ciências da Religião. *Mobilidade religiosa. Linguagem – Juventude – Política*. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2012, p. 2014.

¹⁴⁰ LIBANIO, 2011, p. 18.

¹⁴¹ LIBANIO, 2011, p. 22.

vínculo além do próprio interesse”¹⁴². O fato desses jovens terem cada vez mais dificuldades em se distanciar de sua família de origem, evitando responsabilidades da vida adulta, pode prejudicar o envolvimento do jovem universitário na *missio Dei*.

Ao mesmo tempo, a família continua sendo um fator de extrema importância para esta juventude. Com isso, para aqueles que possuem pais da mesma fé, um maior estímulo por parte deles pode levá-los a vivenciarem melhor sua participação na *missio Dei*, desde que esses pais assumam sua própria função de autoridade sobre os filhos, ao invés de assumirem simplesmente o papel de amigos. Libânio adverte que os “pais demitem-se da própria função de autoridade, de referência fundamental para os filhos, para assumir a atitude bonachona de amigos, de vestir, de falar e comportar-se como eles, até mesmo de fazer-se coniventes com defeitos e falhas dos filhos”¹⁴³.

A juventude da Geração Y ainda vê a família como o eixo central para sua vivência e possui o desejo de conversar com seus pais sobre religião. O jovem tem em sua família referência afetiva, ética e comportamental levando-os ao processo de amadurecimento. Cabe aos pais se valerem de tal influência com autoridade, mas também, com inteligência, o que exige sensibilidade e preparo constantes, pois “não raro eles se envergonham dos pais que se mostram tão infantis e adolescentes como eles”¹⁴⁴. Ora, como a realidade dessas relações nem sempre é a ideal, torna-se com frequência motivo de tensões e, às vezes, rupturas. Por isto também, cabe aqui pensar em como trabalhar desentendimentos, crises de relacionamento entre gerações e, em casos extremos, de rupturas violentas. Este é o campo do aconselhamento pastoral, outra demanda importante para os jovens desta geração.

A família que tanto poder exerce no jovem universitário evangélico pode prejudicar o envolvimento deste na *missio Dei*. Todo o esforço e investimento dos pais nesses jovens para muitas vezes compensar sua ausência, como vimos no segundo capítulo, gera sobre esta juventude uma enorme

¹⁴² LIBÂNIO, 2011, p. 110.

¹⁴³ LIBÂNIO, 2011, p. 104.

¹⁴⁴ LIBÂNIO, 2011, p. 105.

responsabilidade de devolver, retribuir ou compensar tamanho benefício que tiveram. Estes jovens carregam muitas vezes sobre eles a responsabilidade não somente de sua autorealização, mas da realização de seus familiares, principalmente nos estudantes de menor poder aquisitivo. Muitos desses universitários são os primeiros da família a alcançarem formação superior, e seus familiares esperam muitas vezes receber, após anos de sacrifícios com seus filhos, algum benefício desse esforço. Por experiência, sabemos como galgar esta posição na sociedade brasileira mexe com o imaginário das famílias. Essa pressão por parte dos pais, uma vez aceita pelos filhos, pode exercer um distanciamento do envolvimento na *missio Dei*.

A juventude da Geração Y possui uma estrutura familiar bastante diferente das outras gerações. Desde cedo muitos desses jovens tiveram que aprender a conviver com pessoas até então estranhas em suas casas. Pais e mães separados que casam ou passam a viver juntos de outras pessoas que também possuíam filhos levaram muitos desses jovens, em certos casos ainda crianças, a terem de conviver com novos “irmãos” e “irmãs” ou novos “pais” ou “mães”. Essa estrutura bastante diversificada pode ajudar esses jovens universitários evangélicos a conviverem melhor com as diferenças, ajudando-os no diálogo com representantes de outras religiões, até mesmo facilitando a pregação do Evangelho ou o envolvimento destes em organizações que buscam uma melhora social. Ao mesmo tempo, essa superproteção por parte da família levou esses jovens universitários a serem ainda mais individualistas. É de se perguntar como trabalhar esta característica geracional em uma proposta de evangelização encarnada na realidade da juventude atual, uma vez que o evangelho é eminentemente uma mensagem que descentraliza a pessoa em função da vivência do amor, do serviço ao outro, da solidariedade radical, especialmente com as pessoas mais vulneráveis.

3.5 Juventude e a importância da amizade na missão de Deus

Assim como os jovens estão abertos e desejam dialogar com os pais tendo-os como importantes referências, também os amigos são pessoas muito importantes para esta geração. Como vimos no capítulo anterior, o povo brasileiro possui características bastante relacionais e os amigos são muito importantes na formação de opiniões e valores desta juventude. Para os universitários os amigos são, em certas circunstâncias, mais importantes até mesmo do que a própria universidade ou o trabalho.

Lancaster e Stillman, ao analisarem a juventude da Geração Y em sua relação de trabalho, afirmam que estes jovens estão abertos a conversarem sobre qualquer tipo de assunto no trabalho.

Podemos falar com um jovem da Geração Y praticamente sobre qualquer coisa. Dinheiro? Sexo? Política? Drogas? Terrorismo? Seja o que for, temos uma forma de conversar sobre o assunto, criando um diálogo aberto que é muito valioso no trabalho¹⁴⁵.

Esta mesma disposição de conversar sobre diferentes e importantes assuntos com os amigos é encontrada no ambiente universitário, mesmo quando o assunto é sobre Deus. Os universitários cristãos, se demonstrarem respeito aos que pensam diferente ou praticam outra fé, podem propagar o Evangelho livremente dentro das universidades. “Entende-se que o estudante é o melhor missionário, posto que é ele quem conhece bem a realidade do meio estudantil, compreendendo seus dilemas e falando a mesma linguagem”¹⁴⁶. Para isso, é necessário que os universitários evangélicos façam amizades significativas com os não cristãos imitando a Jesus que ficou conhecido como amigo de publicanos e pecadores (Mateus 11.19).

Jesus é o nosso modelo para interagirmos com os não cristãos ou com pessoas que não têm clareza sobre sua fé, que se encontram confusas ou distanciadas de uma vivência comunitária religiosa. A igreja primitiva,

¹⁴⁵ LANCASTER; STILLMAN, 2011, p. 55.

¹⁴⁶ KOHL; BARRO, 2005, p. 240.

simbolizada na pessoa de Pedro, teve grandes dificuldades em interagir com os não cristãos, não adotando ou seguindo o modelo de Jesus. A igreja evangélica, em especial os universitários evangélicos dentro das universidades, tem adotado a mesma postura de Pedro encontrando muita dificuldade em interagir com os não cristãos ou fazer amizades com eles e isso dificulta a propagação do Evangelho e a participação na *missio Dei*.

Durante seu ministério, Jesus demonstrou aos seus discípulos e a quem o quisesse seguir que testemunhar o evangelho estava intimamente ligado a interagir com as pessoas. O público alvo de Jesus não foram os religiosos, mas aqueles que eram indesejados por esses religiosos. Ele foi chamado de amigo de publicanos e “pecadores”, como assinali acima. Jesus foi rejeitado porque deixou ser tocado por mulher pecadora (Lucas 7.36-39), por comer com pessoas de má fama, e chegou até a chamar um desses “pecadores” para ser seu discípulo (Mateus 9.9s). Ainda se convidou para dormir na casa de um pecador (Lucas 19.5-7). Tocou em um leproso e deixou uma mulher com hemorragia tocar nele, atitudes que – de acordo com a Lei judaica – deveriam ser consideradas como impuras. Na ótica de Jesus e de sua prática de fé, entretanto, foram o leproso e a mulher que se tornaram puros (Mateus 8.1-3; 9.20-22). Jesus defendeu seus discípulos quando estes transgrediram a tradição dos líderes religiosos (Mateus 15.1-20). Conversou com uma mulher samaritana e ficou dois dias em um povoado samaritano (João 4), quando para um judeu o samaritano era tão desprezível quanto um endemoninhado (João 8.48). João Batista, que havia visto a pomba descer sobre Jesus quando o batizava e ouviu a voz dos céus dizendo, “Este é o meu Filho amado, em quem me agrado”, diante de tantas atitudes “estranhas” de Jesus, pediu para seus discípulos perguntarem novamente a Jesus se ele realmente era aquele que devia vir ou se devia esperar outro, tamanha foi a confusão na cabeça de João Batista por Jesus agir tão diferentemente do que se esperava de um profeta e Messias (Mateus 11.1-6). João Batista ficou escandalizado ao ver o Messias andando com tantas pessoas de má fama, pois ele era aquele que viera pregando arrependimento como forma de consertar a vida do seu povo.

Durante todo o seu ministério, Jesus interagiu com pessoas de má fama para que estes pudessem se relacionar com Deus e ordenou aos seus discípulos que fizessem o mesmo (Mateus 28.18-20). Jesus ensinou – assim – a superar preconceitos e qualquer forma de discriminação. A saúde/salvação de uma pessoa vale mais do que cumprir a lei do sábado! Porém, seus discípulos, que eram rejeitados pelos fariseus nos dias de Jesus, começaram a agir mais como os fariseus do que como o próprio Jesus. Eles pregavam o Evangelho de Jesus, mas estavam fazendo isso somente aos judeus em Jerusalém. Foi com a perseguição que se desencadeou contra a igreja de Jerusalém que finalmente o evangelho começou a ser pregado em Samaria. É interessante que todos vão pregar na Judéia e Samaria, exceto os apóstolos (Atos 8.1). Somente quando vêem que Deus está operando também em outras terras é que Pedro e João vão até lá (Atos 8.14).

Os discípulos relutaram enquanto podiam para pregar aos não judeus. E quando o fizeram tiveram uma enorme dificuldade em interagir com eles, por causa de seu apego à religiosidade e às leis judaicas. Deus teve que falar em sonhos a Pedro para que este fosse até a casa de Cornélio, e foi somente porque Deus falou em sonho também a Cornélio, que mandou buscar Pedro em casa, que este se dispôs a ir ao encontro do militar romano (Atos 10). A ordem de ir e pregar o Evangelho a toda a criatura foi negligenciada por Pedro e pela igreja primitiva, que chegou a cobrar explicações do apóstolo por ter ido até a casa de Cornélio e comido com ele (Atos 11.1-18). Mesmo após ter sonhado e visto o que Deus fez na casa de Cornélio, Pedro continuou tendo problemas em se relacionar com os não judeus, pois chegou a ser advertido por Paulo por essa atitude (Gálatas 2.11-14).

Considerando esta veia da tradição evangélica que remonta à ação do próprio Jesus, pode-se afirmar que a igreja evangélica brasileira, seus líderes e seus seguidores, têm se parecido mais com a igreja primitiva e seus líderes, nesse caso, do que com Jesus no que tange à interação com não cristãos. Por isso os jovens universitários evangélicos têm tido muitas dificuldades em fazer amizades com não cristãos ou pessoas de pouca fé em suas universidades. Apóiam-se em regras supostamente vindas de Deus, como os judeus fizeram

com a tradição de não comerem sem lavar as mãos. Regras em relação às quais o apóstolo Paulo escreveu para não nos submetermos, pois “tem aparência de sabedoria, com sua pretensa religiosidade, falsa humildade e severidade com o corpo, mas não têm valor algum para refrear os impulsos da carne” (Colossenses 2.23). Com a desculpa de não escandalizar o próximo, esse jovens deixam de ir a certos lugares e ao encontro de pessoas, quando o próprio Jesus escandalizou a muitos (Mateus 13.57) por causa do seu amor aos “perdidos”. A Igreja – que deveria ser amiga de “publicanos e pecadores” de nossa época – rejeita os marginalizados e os de má fama e com isso perde a oportunidade de anunciar o reino de Deus. Ao invés de ir até essas pessoas, esperam que elas venham até seus templos, e, infelizmente, os poucos que têm coragem de ir muitas vezes são rejeitados e postos para fora se não se encaixarem no perfil¹⁴⁷.

Os jovens universitários evangélicos precisam aprender a se relacionar com não cristãos ou pessoas de pouca fé em suas universidades desenvolvendo amizades profundas com estes. Menezes afirma que “não há nada mais ‘infernai’, em certo sentido, do que a ideia de isolamento do mundo no qual Deus nos colocou para servi-lo, amá-lo e influenciar outras pessoas a fim de que façam o mesmo”.¹⁴⁸ É preciso que os jovens universitários evangélicos deixem seus guetos eclesiais e penetrem na sociedade atual com um testemunho vibrante e convincente. O Pacto de Lausanne (1974) afirma em seu artigo 6: “na missão de serviço sacrificial da igreja a evangelização é primordial”. Trata-se de discernir as formas dessa evangelização e agir de acordo com os novos contextos e desafios.

A mulher samaritana somente se relacionou com Deus porque Jesus insistiu em passar por Samaria e tomar a iniciativa de conversar com ela, contra o que previa a lei judaica. O povoado onde aquela mulher morava somente se relacionou com Deus porque Jesus ficou dois dias dormindo,

¹⁴⁷ Apesar disso existem iniciativas no meio evangélico que merecem destaque como, por exemplo, o projeto Cristolândia de iniciativa do pastor batista Humberto Machado, ex-viciado em drogas e liberto a 28 anos. A Cristolândia iniciou em São Paulo, atendendo 24 horas por dia aos usuários de drogas na Cracolândia com uma grande equipe de voluntários. Hoje este projeto foi adotado pela Junta de Missões Nacionais e expandido para o RJ, MG, ES, PE e DF.

¹⁴⁸ KOHL; BARRO, 2005, p. 242.

bebendo e conversando com eles. O leproso e a mulher com hemorragia só foram curados porque Jesus deixou ser tocado por eles. O rico Zaqueu somente se relacionou com Deus porque Jesus tomou a iniciativa de se hospedar em sua casa, arriscando-se de ser considerado conivente com a corrupção. Se Jesus desse ouvido às pessoas que o criticavam por agir dessa maneira, muitas pessoas continuariam não tendo a oportunidade de se relacionarem com Deus, deixando de experimentar a vida plena que é conhecer a Deus e a ele mesmo, o enviado de Deus (João 17.3). Os jovens universitários evangélicos não podem ter medo de se relacionarem com não cristãos ou pessoas de pouca fé. Não podem ter medo de se sentarem onde não cristãos sentam. Não podem ter medo de ir onde se encontram pessoas diferentes e com outras opções de vida e de fé. Os jovens universitários evangélicos – para propagarem o Evangelho e participarem da *missio Dei* – precisam fazer amizades com quem quer que seja.

Para construir essas amizades com pessoas de pensamentos, valores e comportamentos tão diferentes, o jovem universitário evangélico precisa assumir o risco de se envolver com as pessoas não cristãs ou de pouca fé, pois a evangelização requer isto. Menezes afirma,

Não tem como querer evangelizar sem assumir os riscos que a evangelização requer, riscos esses inerentes ao envolvimento com as pessoas deste mundo, imersas em um estilo de vida que desconsidera quaisquer princípios bíblicos e até mesmo éticos e que questiona muitas vezes os 'valores' que professamos¹⁴⁹.

De acordo com Robson Ramos,

O que muitas vezes constatamos na experiência de muitos moços e moças de nossas igrejas é uma preocupação em passar os anos de curso universitário sem que sua fé seja abalada. Mas também não passam disso. Aham que estão fazendo grande coisa ao convidar um colega para ir à igreja. Mas, não são capazes de abrir mão de sua agenda de crente bem comportado, "louvorções", acampamentos, ensaio do conjunto de jovens, namoro com o seu "gato" da igreja –

¹⁴⁹ KOHL; BARRO, 2005, p. 243.

para investir numa melhor estrutura e aperfeiçoamento da sua fé, e muito menos na vida daqueles que ainda não conhecem a Cristo¹⁵⁰.

A dificuldade que o jovem universitário evangélico tem para fazer amizades com não cristãos ou pessoas de pouca fé não é somente pela timidez ou hesitação em interagir com as pessoas. É certo que o universitário evangélico sofre com preconceitos por parte daqueles que não professam a mesma fé e isso pode também ser uma dificuldade para este jovem conseguir uma aproximação com não cristãos ou pessoas diferentes. Uma maneira de superar esse obstáculo é vivenciar as oportunidades cotidianas da rotina universitária.

Robson Ramos mostra o exemplo bíblico do profeta Daniel e seus amigos que aprenderam o alfabeto e a língua dos caldeus e interagiram com outras áreas de conhecimento. Ramos entende que os universitários precisam se engajar na vida acadêmica para serem formadores de opinião. Este autor utiliza-se do exemplo do holandês Abraham Kuyper que procurou pensar de maneira cristã e fundou um partido político, uma universidade e um jornal. Ramos ainda mostra dez características do tipo de estudante que queremos ter em nossas igrejas e que, dentre outras atividades, trabalha em prol da mobilização da população para reivindicações humanizadoras visando à devida valorização da vida humana, particularmente no contexto das necessidades daqueles que se encontram alijados do acesso à educação e melhores condições de vida.

O teólogo Timóteo Carriker se utiliza da Primeira Carta de Pedro como referencial bíblico para falar do envolvimento da igreja na sociedade. Para ele, “o cristão não deve se separar do mundo nem condená-lo. A comunidade cristã deve oferecer ao mundo um testemunho vivo da esperança que eventualmente levará o mundo a dar glória a Deus”¹⁵¹. Carriker mostra que os cristãos devem fazer isso de duas maneiras. A primeira é através da pureza moral e a segunda é através do envolvimento na sociedade praticando o bem e fazendo boas

¹⁵⁰ RAMOS, Robson L. Lições aprendidas na Universidade da Babilônia: o "crente" e o mundo universitário. *Vox Scripturae*, Vol./No. 4/1, p. 93-98, 1994.

¹⁵¹ CARRIKER, 1992, p. 241.

obras (1 Pedro 2.12,14,15; 4.19). A pureza moral afasta o cristão da sociedade, mas a prática do bem faz com que o cristão se envolva na sociedade e ganhe o respeito dela. A primeira parte desse conselho a igreja evangélica tem enfatizado bastante ao longo de sua trajetória na sociedade brasileira, mas o envolvimento na sociedade a igreja tem negligenciado. Estas caracterizações, no entanto, vêm passando por uma mudança significativa, especialmente com o aumento de parlamentares evangélicos no Congresso Nacional e nas instâncias estaduais e municipais. E isto tanto positiva como negativamente. Também estes fatos novos devem ser considerados nesta avaliação. Ainda assim,

Por causa de sua boa conduta, a igreja sofre o afastamento da sociedade, e este sofrimento tem um impacto missionário na sociedade. A igreja acaba tendo uma vida distinta na sociedade em geral. Por outro lado, pelo seu envolvimento e participação na sociedade, a igreja também tem um impacto missionário na sociedade, uma penetração evangelística¹⁵².

Para Carriker, essas duas atitudes são complementadas pela pregação verbal dando razão da esperança que cremos e proclamando as virtudes daquele que nos tirou das trevas para sua maravilhosa luz, pois na Primeira Carta de Pedro compreende-se que o testemunho missionário não era apenas verbal, mas também através da prática do bem, da prática das boas obras. Ou como afirma Valdir Steuernagel, ao refletir sobre a missão da igreja,

Ao recebermos a Cristo começamos a ser 'bênção às nações'. Assim como Jesus, que andava por todas as partes fazendo o bem (At. 10.38), ser cristão significa agora andar como Ele andou. Ser cristão, redimido pela graça do Senhor, significa nunca se cansar de fazer o bem (Gl 6.9)¹⁵³.

Através de um bom desempenho acadêmico e da prática de boas obras no dia a dia da rotina universitária, o jovem evangélico poderá diminuir ou

¹⁵² CARRIKER, 1992, p. 242.

¹⁵³ STEUERNAGEL, Valdir. *A missão da igreja: uma visão panorâmica sobre os desafios e propostas de missão para a igreja na antevéspera do terceiro milênio*. Belo Horizonte: Missão, 1994, p. 26.

mesmo eliminar o preconceito que paira sobre ele. O jovem universitário evangélico para fazer amizades com não cristãos ou pessoas das mais diversas opções de vida precisará viver de maneira exemplar para que essas pessoas possam ver suas boas obras e não tenham do que acusá-los (1 Pedro 2.12).

O jovem universitário evangélico possui um grande potencial para causar grandes e profundas transformações em nossa sociedade. Godofredo Boll, pastor luterano que atuou entre universitários nos anos de 1960, já afirmara na época que “as ideias novas e as grandes perguntas que agitam a nossa sociedade e o mundo inteiro encontram muito maior ressonância no meio universitário do que fora dele”¹⁵⁴. Esta vivência em uma instituição de ensino superior qualifica o jovem para buscar transformações em nossa sociedade. Além disso, como vimos acima, ser cristão é nunca se cansar de fazer o bem. Ser cristão é participar da *missio Dei* em qualquer lugar e situação (*ubi et orbi*). Ser um cristão universitário evangélico é participar da *missio Dei* em sua universidade usando todo o potencial e o conhecimento adquirido para buscar essas transformações.

Ocorre que os principais atributos que os jovens usaram para descrever sua geração foram vaidade, consumismo e acomodação. Eles pensam que podem mudar o mundo, mas suas práticas não condizem com aquilo em que acreditam. Há um hiato muito grande entre aquilo que se diz e pensa daquilo que exatamente se pratica. Essa realidade ambígua e conflitante precisa ser diferente em relação ao jovem universitário evangélico, pois como afirma René Padilla,

A cruz não é somente a negação da validade de todo esforço do homem para ganhar o favor de Deus por meio das obras da lei; é também a exigência de um novo estilo de vida caracterizado pelo amor, totalmente oposto a uma vida individualista, centralizada em ambições pessoais, indiferente frente às necessidades do próximo. O significado da cruz é ao mesmo tempo soteriológico e ético¹⁵⁵.

¹⁵⁴ BOLL, Godofredo B. O universitário brasileiro face a situação nacional. *Estudos Teológicos*, Vol./No.3/Esp., p. 39-43, 1963.

¹⁵⁵ PADILLA, 1992, p. 36.

Vaidade, consumismo e acomodação não podem fazer parte do estilo de vida de um jovem universitário evangélico. Este precisa entender que para participar da *missio Dei* e propagar o Evangelho para a transformação da sociedade é necessário a renúncia do seu próprio “eu”. A evangelização requer renúncia por parte do jovem universitário evangélico.

Se Deus realizou a reconciliação a partir da situação humana, a única evangelização que cabe é aquela em que a palavra se encarna no mundo e o evangelista se torna “escravo de todos” para ganhá-los para Cristo (I Co 9.19-23). A primeira condição de uma evangelização genuína é a crucificação do evangelista. Sem ela o evangelho se converte em verborragia e evangelização, em proselitismo¹⁵⁶.

Para propagar o Evangelho através de palavras e obras, o jovem universitário evangélico brasileiro também precisa entender o seu potencial como agente de transformação da sociedade. Precisa ter fé, ou seja, estar possuído por aquilo que o toca incondicionalmente. Também é importante sua participação nos movimentos estudantis cristãos que propagam o Evangelho dentro das universidades, sem com isso desvincular-se de sua igreja local. E é preciso que comecem a assumir responsabilidades da vida adulta, não se voltando somente ao presente ou permanecendo em uma eterna adolescência.

Ora, tais exigências parecem ir na contramão das aspirações mais caras da juventude da Geração Y. Por isto o desafio de uma evangelização no meio universitário ainda precisa de mais discussão, aprofundamento, talvez pesquisas, e um engajamento por parte de lideranças cristãs e mesmo das igrejas por meio de programas específicos e bem articulados, o que não se tem visto com a devida urgência no Brasil. Esta pesquisa se insere nessa busca por instrumentos e modelos de ação evangelizadora nos meios universitários.

Ajuda na participação da *missio Dei* o fato de serem altamente colaborativos, tecnológicos e conseguirem fazer tantas coisas ao mesmo tempo. A família – sendo uma importante referência para esses jovens – pode

¹⁵⁶ PADILLA, 1992, p. 37.

e deve contribuir muito na participação deles na *missio Dei*, e é necessário buscar fazer amizades com não cristãos ou pessoas de pouca fé, interagindo com elas para que a propagação do Evangelho seja mais eficaz. Os desafios estão à porta. Cabe assumi-los como igreja e como gente de fé, como o povo de Jesus hoje e aqui.

CONCLUSÃO

Esta dissertação teve como objetivo principal verificar qual é a participação do universitário evangélico brasileiro na *Missio Dei* e na propagação do Evangelho para a transformação da sociedade. Buscou-se compreender a importância do universitário evangélico brasileiro no cumprimento da missão de Deus, investigando a participação deste nesta missão, procurando também olhar para o futuro, entendendo como deve se dar essa participação e quais são as perspectivas da juventude universitária evangélica. Compreende-se que todo cristão precisa participar ativamente *da missio Dei*, de tal forma que o jovem universitário evangélico brasileiro a partir de sua vivência cristã possui um importante papel na transformação da sociedade, e esta fé pode assim otimizar esta participação.

Percebeu-se que a busca por ver sentido no que fazem, buscando um emprego que tenha valor, significado e que contribua para a melhoria da empresa, do país, de uma causa social ou da comunidade é uma importante característica que favorece a participação deste jovem na missão de Deus, o que sem dúvida favorece a luta por transformação da realidade. Mas, a vivência intensa do presente tem dificultado esta participação, pois este jovem acaba voltando-se somente para si mesmo, buscando seus próprios interesses. Com isso, ele perde uma importante dimensão da vivência cristã que é a solidariedade com o *outro*, e nesse sentido, com os mais vulneráveis da sociedade.

A fé como aquilo que o toca incondicionalmente o ajuda a deixar a acomodação, a vaidade e o consumismo, fortes características desta geração, pois é nesta fase que o universitário começa a desenvolver a fé individual-reflexiva que leva o indivíduo a uma atuação mais significativa de serviço em prol dos outros. A fé como aquilo que o toca incondicionalmente é o fundamento e a capacitação para que ele atue como agente de transformação da sociedade.

Ficou evidente, pelas pesquisas de campo analisadas, que a família continua sendo uma importante referência para os universitários e a atuação de pais e mães na vida familiar pode favorecer ou dificultar a participação do jovem na *missio Dei*. Para uma maior participação na *missio Dei* caberá ao jovem universitário assumir as responsabilidades da vida adulta e não permanecer em uma eterna adolescência. É que as pesquisas também mostram que esta geração prefere ficar com a família – resguardando seu direito à autonomia – do que sair de casa e enfrentar a vida cotidiana por sua conta e risco.

Não obstante, a participação do jovem universitário evangélico nos movimentos estudantis tem contribuído para o fortalecimento de sua fé e, conseqüentemente, tem favorecido o seu engajamento na *missio Dei*. Porém, estes jovens não podem perder o vínculo com suas igrejas de origem. Defendemos que tanto as igrejas locais como os movimentos estudantis devem atuar em parceria. Percebe-se que o jovem gosta de participar das atividades no templo e as igrejas precisam aproveitar este interesse estruturando programas específicos e bem articulados para capacitar o jovem em sua participação na *missio Dei* e na propagação do Evangelho.

Verificamos que os amigos são pessoas muito importantes para esta geração e a melhor maneira para propagar o Evangelho livremente dentro das universidades é o jovem universitário evangélico fazer amizades com os não cristãos ou com pessoas que não têm clareza sobre sua fé, que se encontram confusas ou distanciadas de uma vivência comunitária religiosa. Para tanto, é preciso que o jovem universitário evangélico imite o modelo de Jesus e aprenda a interagir com todos. O jovem universitário evangélico não pode isolar-se convivendo somente com os que praticam a mesma fé, mas precisa ter a coragem e a ousadia de fazer amizades com quem quer que seja. Desta forma acontecerá uma participação mais ativa na missão de Deus, propagando o evangelho, transformando a sociedade, pois entende-se que esses jovens universitários de hoje serão os futuros líderes do amanhã.

Diante deste grande desafio, pouco se sabe ainda sobre evangelização no meio universitário. Devido a grande quantidade de jovens na sociedade

brasileira e também no meio evangélico, com o aumento significativo do número de universitários no Brasil, e o pouco preparo das igrejas para lidar com essa juventude, faz-se necessário um maior aprofundamento e engajamento das lideranças e igrejas cristãs. Também é necessário mais pesquisas e publicações acadêmicas sobre este público específico, pois há muito pouco material publicado ou disponível. A presente pesquisa espera ter contribuído com alguns apontamentos para uma maior discussão e reflexão sobre este tema.

O jovem universitário evangélico possui um grande potencial para causar grandes e profundas transformações em nossa sociedade, mas para que a propagação do Evangelho possa resultar em maiores transformações na sociedade, esta proclamação deve ser feita não apenas por meio de discursos, ainda que bem articulados, mas também através de ações concretas e projetos que atraiam outros jovens para a caminhada missionária e solidária com os que mais sofrem. O desafio está às portas. Com a palavra as igrejas e suas lideranças mais lúcidas.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania, Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luis Carlos Gil. *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. São Paulo: UNESCO, 2007.

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. *Juventude, juventudes: o que une e o que separa*. Brasília: UNESCO, 2006.

BOLL, Godofredo B. O universitário brasileiro face a situação nacional. *Estudos Teológicos*, Vol./Nº 3/Esp., p. 39-43, 1963.

BOSCH. David J. *Missão transformadora*. Mudanças de paradigma na teologia da missão. Trad. Geraldo Korndörfer e Luís Marcos Sander. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2002.

BRANDT, Hermann. *O encanto da missão: ensaios de missiologia contemporânea*. São Leopoldo: Sinodal, Escola Superior de Teologia, CEBl, 2006

BRUSTOLIN, Leomar Antônio. *O futuro em questão: a esperança entre os jovens universitários*. Anais do Congresso da SOTER – Sociedade de Teologia e Ciências da Religião. *Mobilidade religiosa. Linguagem – Juventude – Política*. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2012

CARRIKER, Timóteo. *Missão integral*. Uma teologia bíblica. São Paulo: Sepal, 1992.

CASTRO, Maria Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; LEON, Alessandro. *Juventude: tempo presente ou futuro? Dilemas em propostas de políticas públicas*. São Paulo: GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas, 2007.

DICK, Hilário. *Gritos silenciados, mas evidentes: Jovens construindo juventude na História*. São Paulo: Loyola, 2003.

ESCOBAR, Samuel. *Desafios da Igreja na América Latina: história, estratégia e teologia de missões*. Viçosa: Ultimato, 1997.

FONSECA, Alexandre Brasil e NOVAES, Regina. *Juventudes Brasileiras, Religiões e Religiosidade: uma primeira aproximação*. In: ABRAMOVAY, Miriam. ANDRADE, Eliane Ribeiro. ESTEVES, Luiz Carlos Gil. (orgs.). *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2007, p.90.

FOWLER, James W. *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

FREITAS, Maria Virgínia de. ABRAMO, Helena Wendel. LEÓN, Oscar Dávila. *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

LANCASTER, Lynne C.; STILLMAN, David. *O Y da questão: como a Geração Y está transformando o mercado de trabalho*. São Paulo: Saraiva, 2011.

LÉON, JORGE A. *A caminho de uma evangelização restauradora*. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

LIBANIO, J. B. *Para onde vai a juventude?* São Paulo: Paulus, 2011.

LONGUINI NETO, Luiz. *O novo rosto da missão*. Os movimentos ecumênico e evangelical no protestantismo latino-americano. Viçosa: Ultimato, 2002.

MENEZES, Jonathan. Missão no contexto estudantil: o desafio de servir a Deus no campus, in KOHL, Manfred Waldemar; BARRO, Antonio Carlos. *Missão integral transformadora*. Londrina: Descoberta, 2005. P. 227.

MO SUNG, Jung. *Cristianismo de libertação*. Espiritualidade e luta social. São Paulo: Paulus, 2008, p. 75.

OLIVEIRA, Sidnei. *Geração Y: o nascimento de uma nova versão de líderes*. São Paulo: Integrare Editora, 2010.

PADILLA, René C. *Missão integral: ensaios sobre o Reino e a igreja*. São Paulo: FTL-B e Temática Publicações, 1992.

_____. *O que é missão integral?* Trad. Wagner Guimarães. Viçosa: Ultimato, 2009. p. 127.

RAMOS, Robson L. Lições aprendidas na Universidade da Babilônia: o "crente" e o mundo universitário. *Vox Scripturae*, Vol./No. 4/1 , p. 93-98, 1994.

RIBEIRO, Jorge Claudio. *Religiosidade jovem: pesquisa entre universitários*. São Paulo: Loyola, 2009.

SOARES, Sebastião Armando Gameleira. Diaconia e profecia. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 39, n. 3, p. 207-230, dez. 1999.

SPELLER, Paulo; ROBL, Fabiane; MENEGHEL, Stela Maria. *Desafios e perspectivas da Educação Superior Brasileira para a próxima década*. Brasília: UNESCO, CNE, MEC, 2012.

STEUERNAGEL, Valdir. *A missão da igreja: Uma visão panorâmica sobre os desafios e propostas de missão para a igreja na antevéspera do terceiro milênio*. Belo Horizonte: Missão, 1994.

STOTT, John. *A missão cristã no mundo moderno*. Trad. Meire Portes Santos. Viçosa: Ultimato, 2010.

_____. *Por que sou cristão?* Viçosa: Ultimato, 2004.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. (Org.). *As religiões no Brasil. Continuidades e rupturas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p. 145.

TILICH, Paul. *Dinâmica da fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1974.

WINTER, Ralph D. (Ed.), HAWTHORNE, Steven C. (Ed.), BRADFORD, Kevin D. (Ed.). *Perspectivas no movimento cristão mundial: coletânea de textos de autores nacionais e estrangeiros explorando as perspectivas bíblica, histórica, cultural e estratégia no movimento de evangelização mundial*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

VICEDOM, Georg. *A missão como obra de Deus: introdução à teologia da missão*. São Leopoldo: Sinodal, IEPG, 1996.

ZWETSCH, Roberto E. *Missão como com-paixão: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.